

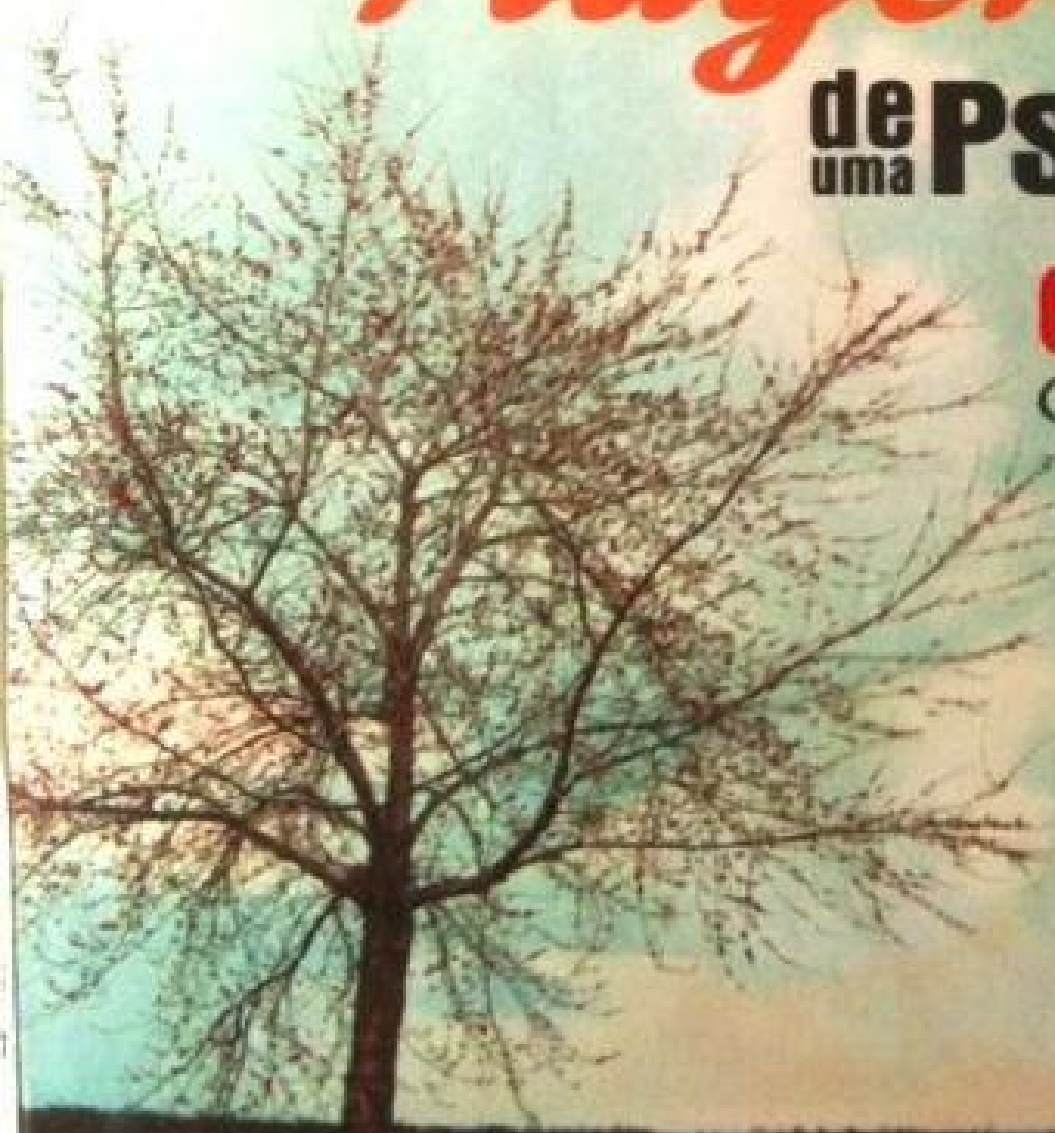


Viagens

de **uma Psicóloga**

emergise

Graziela Bergamini



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

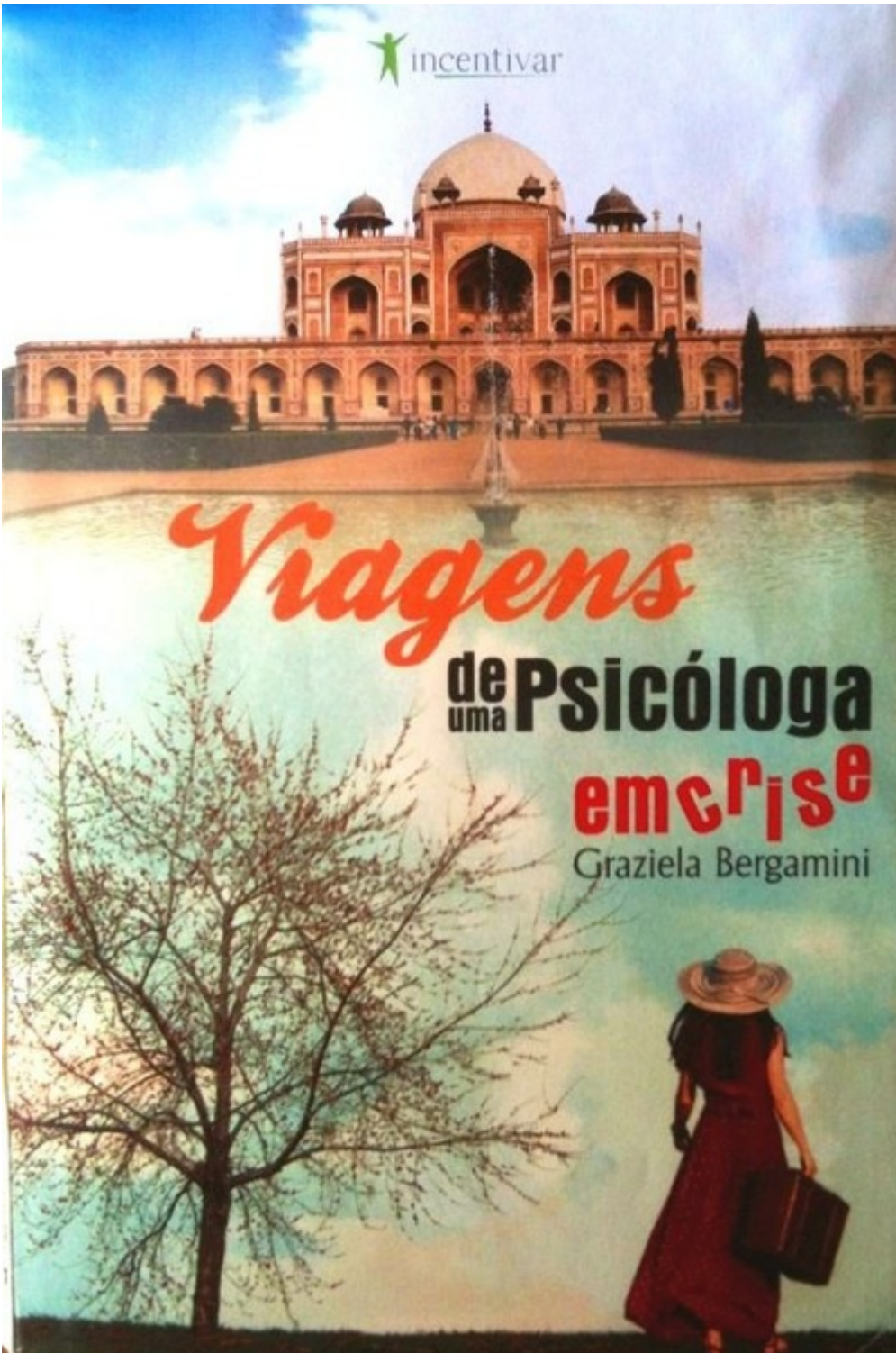
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



*Viagens de uma
Psicóloga em Crise*

Graziela Bergamini

Copyright © by Graziela Ramos de Souza

Bergamini, 2013.

Dados Internacionais de Catalogação na

Publicação (CIP)

Bergamini, Graziela

Viagens de uma psicóloga em crise / Graziela

Bergamini. -- Campinas, SP : Incentivar, 2013.

ISBN 978-85-63907-12-7

3. Viagens - Narrativas pessoais I. Título.

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

1. Crônicas brasileiras 2. Psicólogas

13-01214 CDD-869.93

APRESENTAÇÃO

AGRADECIMENTOS

PREFÁCIO

NA CASA DE ARYAMANI

ADAPTAÇÃO

POR QUE ÍNDIA?

RÉVEILLON

SABEDORIA E ENTREGA

SAI BABA

ONDAS

UM MUNDO ESPIRITUAL?

ESCOLHAS

MAPA ASTRAL

ESTÁGIO

ALGUMAS VERSÕES DE MIM

PRIMEIRO DESASTRE AMOROSO

RELACIONAMENTO SÉRIO

TOSSE

PSICOLOGIA OU MEDICINA?

O PATHWORK

***EU* IDEALIZADO**

NÁUFRAGA

JANTAR COM O TAXISTA

ABORDAGENS DESAGRADÁVEIS

MAIS CHÁ

DESPEDIDA ATRIBULADA

O SIGNIFICADO ESPIRITUAL DA

CRISE

APRESENTAÇÃO

Para mim, crise é uma coisa boa.

Pode doer, pode incomodar, você pode até rezar para todos os seus santos para fazê-la passar, mas uma coisa é fato: nunca saímos dela pior do que entramos.

A "crise" serve para empurrar a gente para frente, para explodir pensamentos sucateados, mesmo que seja meio na base da dor.

Mas, honestamente, neste livro não foram as crises que me chamaram a atenção, mas, sim, o senso de humor, o jeito sincero, engraçado e totalmente fluido de ler, sem dramas ou dilemas existenciais nietzschermanos.

O (A) leitor (a) de "*Viagens de uma Psicóloga em Crise*" vai se identificar, logo nas primeiras letras e certamente

vai se deleitar ao embarcar em cada capítulo dessa crise. Boa viagem!

Kiko Mattoso, redator
publicitário e roteirista

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, por sempre acreditar em mim, por me incentivar a realizar meus sonhos, por seu enorme companheirismo e por me ensinar tantas coisas que eu não sabia sobre convivência, harmonia, prazer e amor. E mais ainda: por enriquecer o livro com seu olhar poético.

À minha mãe, por seu carinho, paciência e dedicação. Obrigada pela força e incentivo para tornar o livro

realidade.

Obrigada

pelo

desprendimento

e

confiança

para

tornarem possíveis minhas viagens,

desde muito cedo.

Ao meu pai, pelo companheiro

maravilhoso que é, pelas conversas

sobre

tudo,

pela

paciência

e

generosidade comigo, sempre.

Ao meu irmão Kiko, pela disposição

e dedicação em fazer a primeira leitura

e revisão do livro, ajudando-me a

melhorá-lo. Por me inspirar com sua
coragem e disciplina para realizar
objetivos. Por sua percepção engraçada
e inteligente sobre a vida.

Ao Duda, meu irmão, que amo tanto e
nunca
digo.

Sua
objetividade
e
generosidade encantam qualquer pessoa.

Ao Vítinho, por me ensinar sobre
persistência e coragem para enfrentar
tudo aquilo a que se dispôs e que vem
conseguindo.

À Luiza e ao Léo, por darem a
oportunidade de me descobrir como mãe
e
por
serem

tão

companheiros,

carinhosos e maravilhosos. São minhas
inspirações diárias.

*À família que ganhei quando casei
com o Fábio.* Cada um à sua maneira me
ensina que família pode ser a melhor
coisa do mundo.

*Aos muitos amigas e amigos,
recentes e antigos,* leitores de trechos
do livro postados em rede social na
internet. Sinto urgência em agradecer
suas palavras de puro incentivo. Sem
elas, este livro provavelmente não seria
escrito.

A cada um de meus pacientes, que
me dá a oportunidade de continuar
crescendo e amadurecendo enquanto
pessoa e profissional.

Dedico os textos que a

todas as pessoas pelas e a todas as outras que, assim como eu, possuem conflitos e confusões parecidas, mas que acreditam nas auto-responsabilidades, na mudança e na felicidade.

PREFÁCIO

Meu marido, nossos dois filhos e eu, tínhamos voltado há alguns meses para o Brasil depois de morarmos por quase dois anos em Portugal. Fábio tinha sido convidado por um amigo, para fazer um teste para integrar o grupo musical português "Madre deus". Passamos um período delicioso em Lisboa, mas depois de dois anos, acabou o contrato com a banda. Estávamos de volta em fase de readaptação em

nosso

país,

recomeçando do zero financeiramente e acomodados, por um período, na casa de meus pais. Ele, músico; eu, psicóloga.

As coisas fluíam a velocidade quase nula. Ele voltando a fazer contatos com músicos e profissionais da área; eu, perdida, pensando novamente se deveria trabalhar em um restaurante, continuar a saga como psicóloga autônoma ou iniciar outra faculdade – nunca certa daquilo que realmente eu gostaria de fazer na vida.

Retornar ao Brasil foi quase uma imposição das circunstâncias, já que Portugal estava em dificuldades após a crise econômica de 2008.

Voltávamos para casa depois de levar as crianças à escola, num dia chato e

comum de semana. Ele dirigindo o carro emprestado por meus pais, eu no banco da frente do passageiro, olhando fixamente para o vazio, focada da minha solidão e confusões internas.

– Grá, por que você não escreve um livro? Pergunta confiante meu marido. Saindo lentamente do meu fabuloso mundo e voltando a atenção para esta voz que representava ali o mundo real, respondo abobada:

– Um livro?

– É, olha que idéia boa! Você pode escrever sobre tantas coisas que você já viveu: suas viagens, suas percepções sobre a vida, suas crises...

– Pode até ser, mas...Quem sou eu para escrever um livro? Sou uma pessoa tão comum! Quem vai se interessar por meus devaneios?

– E daí que você é tão comum? Aliás,
justamente por isso. Quantas pessoas
podem
se
identificar
com
suas
percepções e sentimentos? Além disso,
você adora escrever e tem muita história
para contar sobre suas viagens. Porque
não escreve um livro sobre suas
aventuras na Índia?

Já

adorando

a

idéia

e

me

distanciando um pouco da lamacenta

confusão interna, respondo:

– Hum, não sei. Um livro de aventuras? Não...

Ele estava com a mente afiada:

– Quem sabe um livro sobre as suas aventuras, suas crises com Deus e com a profissão?

– Nossa, quanta crise! Será que eu sou tão problemática assim?

– Não é isso, Grá. Você entendeu o que eu quis dizer. Você conhece as crises e também os caminhos que ajudam a sair delas. Seja você mesma.

Escreva

naturalmente

sobre

seus

conflitos, seus questionamentos, suas

impressões. Escreva sobre tudo o que

you têm aprendido com seus estudos;

põe sua visão de psicóloga.

–

É.

Acho

que

seria

legal

mesmo...Poderia ser um livro leve,
divertido e útil para alguma coisa.

Mesmo já tendo comprado a ideia,
meu sabotador insiste em reagir:

– Mas, não sei.Para escrever preciso
ter disciplina, coisa que nunca tive
naturalmente. Sempre me foi imposta
pelos meus pais e pelas escolas que
estudei e nunca adiantou nada; aliás,
adiantou para que eu ficasse avessa a
esse “tipo de coisa”.

– Não fale isso! Quando você fala
que tem que ter disciplina, parece que já
torna impossível; já te desanima.

– Mas é verdade. Eu quero tanto ter disciplina em alguma coisa! Sem ela, vou esquecer. Amanhã vou acordar e vou pensar em um milhão de coisas para fazer e vou me esquecer do livro.

– Você tem que ter inspiração, tem que estar motivada. Tem que acordar de manhã e falar: – Eba, vou escrever meu livro!

Fica na minha cabeça o diálogo que tinha acabado de assistir no filme sobre a vida de Chico Xavier entre ele e o seu guia espiritual, que diz:

– Chico, para trabalhar para o bem, não será desamparado, mas terá que respeitar três regras básicas: a primeira é a disciplina.

– E a segunda?- Pergunta Chico.

– A segunda é disciplina também.

– E a terceira?

Sorrindo, Emmanuel responde:

– A terceira também é disciplina.

Nossa, será que eu consigo?

Acho que sim, se eu buscar prazer
nessa tarefa e no compromisso com
ela...

Acho que sim, se eu escrever um
pouco de cada vez...

Acho que sim, esfregar as mãos todos
os dias de manhã e disser: – Eba, vou
escrever meu livro!

Eu adoraria ter escrito este livro em
uma bonita mesa de madeira em frente
ao mar. Em uma casa espaçosa, cheia de
janelas, à beira da praia, sossegada,
concentrada, sentindo-me importante.

Teria tempo e foco suficientes para
desaguar este conteúdo que começaria a
amarelar no subconsciente...

Diferente dessa cena, escrevi o livro

em casa, em meio a todo tipo de demandas de crianças, tarefas domésticas e distrações em redes sociais e *emails*.

Capítulo 1

NA CASA DE ARYAMANI

Não era uma crise aguda. Era uma crise branda, cinza, difícil de enxergar.

Um sentimento monótono, constante.

Uma sensação de poder ser mais do que sou, fazer e sentir mais e, ainda assim, não me mover.

Sei do potencial que tenho para ser feliz. Aliás, eu sei que todos nós podemos ser muito felizes, mesmo sendo imperfeitos

em

um

mundo

imperfeito. Mesmo

lidando

com

dificuldades. É por isso que não quero o médio, quero o melhor, o máximo da vida. Quero realizar tudo o que estiver ao meu alcance e que não é pouco.

Para superar o estado cinza de viver, o sentimento de crise me avisava lá do inconsciente: "Mude, não está bom mesmo. Mude. Você pode. Você deve!".

Minha parte mais lúcida sabia os caminhos que eu deveria seguir, mas meu medo de ser inteira e assumir completa responsabilidade por quem sou e por tudo o que eu já escolhi ser, me impedia de experienciar a tal felicidade.

A chegada à Índia, ao sair do avião, foi como cair de paraquedas em meio a

um

forno

gigante,

barulhento

e

desconhecido de algum país em alguma

galáxia distante. Era 1h da manhã. Eu

estava totalmente sozinha; tinha só 21

anos e vinha de um inverno de Londres.

Tinha estado lá por três dias em

uma conexão prolongada entre Brasil e

Índia.

Era início de dezembro de 1997 e

tenho que abrir um parêntese para contar

o que penso do clima gelado. Nunca fui

amiga do frio; sempre me senti dolorida

e triste no meio deste clima. Na

verdade, em minhas viagens e moradias

em terrenos glaciais, acho que nunca

soube

me

defender

das

baixas

temperaturas com as devidas peças de

roupa para amenizar a força deste

gigante poderoso e mal-humorado. Eu já

tinha me aventurado com quinze anos a

morar em Dakota do Norte, nos Estados

Unidos, por nove meses e lá, sim,

conheci muito bem este clima bravo e

impiedoso.

Meu problema maior acho que era

nos pés, que estavam sempre frios.

Menos 10 graus e eu usava tênis. Menos

30 graus e eu, ainda de tênis. Nada de

botas quentinhas com pelos dentro. É

claro que eu só poderia me sentir um

frango congelado.

Masna

Índia,
nesta
mesma
época, quando em Londres fazia 4 graus,
assolava um calor de 40, e ao ser
apresentada àquele bafão quente, eu me
percebi com um casaco pesado para
eventos no Everest, em pleno forno
asiático!

Pude tirar o casaco maior, mas
infelizmente tive que manter um mais
fino de lã, porque vestia embaixo, uma
blusa regata. Preferi ficar suando do que
correr o risco de ser assediada ao
mostrar os ombros, num lugar onde eles
são considerados partes sensuais do
corpo. As indianas não andam por aí,
deixando seus ombrinhos de fora.

Ansiosa, cansada e com medo, fiz os
procedimentos de entrada no país;

passei pela polícia, peguei minha mala e fui procurar o taxista que iria me levar para Auroville– uma “comunidade alternativa” no estado de TamilNadu, no sul da Índia, onde passaria dois meses e meio.

Doce ilusão achar que seria fácil achar o taxista que me esperaria com uma plaquinha e meu nome. Ao sair da área de desembarque, uma multidão de pessoas segurava plaquinhas com nomes pequenos, grandes, mal escritos, borrados, nomes estranhos, letras nunca dantes vistas por estes meus olhos ingênuos.

Conforme ia andando devagar e tentando ler as placas, ia aumentando o

medo de não encontrar meu taxista. Eu não fazia ideia de onde era Auroville, nem que o local ficava a quatro horas de viagem do aeroporto.

Enfim, lá estava alguém no fim da fila segurando uma placa com meu nome. Homem baixinho de camisa de botão e calça social imunda. Não calçava sapatos nem chinelos; estava descalço completamente. Fui em direção a ele, que mal olhou para mim, pegou a mala, deu-me as costas e pôs-se a andar rapidamente.

Eu passei a segui-lo. Ele andava rápido demais. Pisava em poças de água com os pés descalços – não se desviava delas. As rodinhas da minha bela malinha, limpa e bem cuidada, também iam sendo arrastadas por aquelas poças sujas. Eu seguia com o casaco de neve

em uma das mãos e segurava na outra uma sacola enorme e pesada, só com cremes e utensílios de higiene que havia comprado em Londres. Entramos no táxi. Eu atrás com as malas, ele na frente com os piolhos.

Partimos para Auroville, que fica localizada exatamente em Pondicherry, uma cidade de antiga colonização francesa. Essa comunidade foi fundada na década de 60 com o intuito de ser um local onde todos vivessem em harmonia, sem diferenças de raça e religião. A ideia de seus fundadores era fazer desse lugar um centro para que o ser humano pudesse desenvolver-se e chegar a ser o melhor de si mesmo. Todos os conceitos e valores ali estão relacionados ao amor, respeito

e

desenvolvimento

sustentável.

A

escolha

por

esta

comunidade foi devido à urgência que eu tinha de experimentar uma maneira nova de me relacionar com a vida.

Meus sentimentos eram de medo, coragem, contemplação e julgamento.

Enquanto este homem coçava sua cabeça incessantemente com uma força que se fazia ouvir a gritaria dos piolhos lá dentro, palmeiras, pessoas, cheiros, luzes, animais de outro planeta iam se desdobrando do lado de fora da janela.

Foram muitas as paisagens – de campo, de vila, de miséria, de choque.

Senti tanto choque cultural que já poderia voltar para minha casa em Campinas. A miséria da Índia era *hors-concours*. Em alguns lugares, as ruas eram banheiros públicos.

Às tantas, o motorista desviou-se da rota principal em uma quebrada bruta à esquerda e adentrou uma rua estreita e escura. Não falou nada, não perguntou nada.

“Que triste fim eu terei aqui e que triste será minha família nunca encontrar meu corpo morto neste fim de mundo...”, pensei curiosa e um tanto assustada.

Subitamente esse sisudo ser do além, parou em frente a um casebre simples com uma lâmpada fraquinha pendurada em frente à varanda, olhou para trás por cima dos ombros e me perguntou amigavelmente:

– Tea, madam?

Tudo certo, ele só resolveu dar uma paradinha casual na casa de um “amigão” para tomar o chá da madrugada. Herança recebida dos

ingleses de tomar o chá com leite, o *chai*, comum na Índia, é feito geralmente com chá preto, leite e *massala*, uma mistura de ervas. Agradei meio apavorada e fiquei esperando no carro. Quando ele voltou com ar de “agora sim podemos continuar”, retomamos nossa viagem.

Às 5h da manhã, percebi que estávamos em paisagens mais tranquilas. Nenhuma pessoa à vista, diferente das vilas onde vacas, porcos, galinhas, homens, carros e bicicletas se chocavam

criando barulho e baderna, mesmo de madrugada, em alguns dos locais onde tínhamos passado. Muita terra, mato, espaço aberto, estradinha de terra, algumas casas. Eu iria para a casa da Aryamani, uma brasileira conhecida de uma conhecida de uma conhecida de minha mãe, que morava lá há anos e topou me hospedar na chegada.

Chegando

a

esta

região,

o

possivelmente viciado em chás olha para trás e pergunta com aquele inglês carregado de sotaque indiano:

– *Where you stay?*

Eu respondo:

– Aryamani's house.

Ele insiste:

– Arya?

Eu respondo novamente:

– Aryamani'shouse.

Ele então entrou na próxima ruazinha de terra à direita, e em cinco minutos estávamos em um local de muita lama.

O carro começou a derrapar. Devia ter chovido bastante há pouco.

Ele pareceu um pouco nervoso ou impaciente. Parou o carro, desceu apressado e, sem me falar nada, continuou a pé, deixando-me no escuro em meio ao nada. Após dar alguns passos, virou e me pediu para ir atrás dele. Sem saber o que de melhor eu poderia fazer, desci do carro e enfiei os dois pés em um lamaçal.

Um dos meus tênis estava desamarrado, eu estava com muito

calor. Pensei ter visto um homem próximo a uma moita, agachado. Estaria ele defecando? O cheiro não estava lá muito agradável...

“Não consigo enxergar direito. Estou pisando em lama ou em cocô humano? Não sei.”

Não perguntei o nome do taxista ou, se perguntei, não entendi a resposta.

Comecei a chamá-lo de *sir*.

– Sir, where are you going?

Ele nem sequer se incomodou em responder e eu preferi ficar quieta para não irritá-lo ainda mais. Continuou andando depressa e eu atrás, seguindo seus passos. Andamos talvez uns sessenta metros, quando vi uma casa pequena com a luz de fora acesa.

O *sir* chegou até bem perto da porta de entrada e bateu palmas. Não esperou

mais do que três segundos e bateu
palmas com mais força. Eu estava
envergonhada, me sentindo a mais
inadequada das pessoas. Imagine chegar
a esta hora na casa de alguém que não
está muito querendo que você venha...

Depois de algum tempo, saiu da casa um
senhor

de

uns

sessenta

anos,

descabelado, remelento e puto da vida.

Nada de Aryamani.

O taxista perguntou alguma coisa que
eu não entendi, mas imaginei que fosse
algo do tipo: – “Você conhece esta
menina? Pode hospedá-la em sua casa?

Ela não sabe aonde ir e eu preciso
dormir ou tomar mais um chá.”

A resposta foi olhar para mim, dar de ombros e virar as costas.

Esta foi a primeira casa de mais duas em que ninguém sabia onde me despachar. Finalmente, na quarta casa, um senhor simpático disse conhecer a Aryamani. Estávamos bem perto e ele nos ensinou como chegar lá. Assim, finalmente cheguei ao meu destino.

Aryamani era uma baiana que morava há alguns anos em Auroville. Tinha por volta de 40 anos, era casada com um italiano e tinha uma filha adolescente, que não conheci, mas que falava quatro idiomas. Todas as crianças crescidas em Auroville falavam pelo menos esta quantidade de línguas. Cheguei a assistir mais tarde, uma conversa entre um indiano de TamilNadu um menino francês de não mais do que seis anos no

dialeto *tamil*. Impressionante!

Tomamos um café com ovos mexidos e tomates enquanto Aryamani me contava um pouco de si e porque tinha ido parar nessa comunidade. Estava cansada da vida que levava na Bahia; não via sentido na loucura materialista e resolveu dar uma guinada em seu estilo de vida.

Depois do café da manhã, ela mostrou uma cama na qual eu poderia descansar um pouco. Quando acordei, depois de três horas, que depressão! O que eu estava fazendo ali? Como tinha ido parar naquele lugar tão longe? Que força estava me dominando para que eu fizesse tanto esforço para, no fim, estar em um lugar daqueles?

Eu só queria a minha casa...

Capítulo 2

ADAPTAÇÃO

Depois de um dia, Aryamani me indicou um lugar melhor para eu ficar. Era uma espécie de pousada, onde me sentiria mais à vontade. Saí de lá agradecendo muito e fazendo promessas de visitá-la novamente.

Cheguei já no fim da tarde, querendo encontrar uma hospedagem normal com banheiro, toalha, vaso sanitário, luz e outros itens básicos.

Quem administrava esse novo lugar era uma americana. Além dela havia duas pessoas que praticamente moravam lá. Um alemão carrancudo de dar medo e uma senhora, também americana, de uns noventa anos.

A americana, que era a gerente, recebeu-me com simpatia e levou-me até o novo quarto: simples, mas jeitosinho.

Na hora do banho mais à tardinha, um calor desgraçado! No clima úmido, eu suando como nunca e os mosquitos me jantando. Fui pedir educadamente uma toalha para a americana e recebi um olhar tão fulminante que me fez pensar se eu não tinha distraidamente pedido emprestado a calcinha dela. Acho que era algo *que eu deveria ter trazido*.

Mesmo assim ela me emprestou um pano duro e áspero, e apontou para o lugar do banho – um chuveiro a uns cinquenta metros do meu quarto; depois apontou para o “banheiro” na outra direção e me deu uma lanterna.

Agradei muitíssimo e lá fui eu sem perceber que a luz do dia estava acabando e dando lugar à escuridão. Eu, ainda neste ponto, estava forte, corajosa, peitando

tudo,

sentindo-me

uma

antropóloga destemida.

Ao abrir o chuveiro, a escuridão já
tinha caído e me vi de repente pensando
como faria para tomar banho segurando
uma lanterna. Que bizarro! Realmente
foi a chuveirada mais rápida que eu já
tomei, inclusive porque a água estava
gelada. Sequei-me, pus uma roupae fui
ao banheiro (tudo bem que a ordem das
coisas deveria ser o contrário).

Queria usar a lanterna, mas ela devia
estar com as pilhas fracas e eu *deveria*

ter

trazido

a

minha.Chegando

desengonçada

e

apressada,

uma

surpresa:

Vaso

sanitário?Papel

higiênico? Meros artigos de luxo...

– Mas em compensação, temos uma

torneirinha onde você pode molhar sua

mão esquerda e fazer uma limpeza ainda

mais

higiênica-euouviria

depois

diversas

vezes

dos

européus

indianizados

que

moravam

em

Auroville.

Sendo tudo tão complicado, voltei para o quarto e desabei a chorar. Estava totalmente despreparada, solta, jogada no meio de uma fantasia de adolescente tardia. O que eu queria era apenas um choque cultural... Melhor teria sido ficar em casa e ter alugado um documentário.

Chorei, chorei de transbordar o quarto e, quando vi que eu tinha apenas duas sobras de lenços para assuar o nariz, chorei ainda mais sem poder limpá-lo, sem saber como ir ao banheiro nestas condições, sem ter um ombro amigo. Comecei a rezar e devo ter adormecido porque só me lembro do dia seguinte quando me arrumaram uma bicicleta do século passado com uma corrente que se soltava a cada cem

metros para andar quatro quilômetros e comprar papel higiênico importado.

Depois de duas noites, um holandês que se hospedou nesse mesmo lugar me aconselhou a ir para outra pousada, onde havia mais passantes, gente vinda de muitos cantos do mundo. Gente querendo ver gente e trocar ideias e experiências.

Assim, fui novamente de táxi para este segundo *guesthouse*.

Quem

administrava

era

uma

canadense. Era um lugar mais agradável,

com espaços mais bem cuidados, um

grande jardim com alguns alojamentos

por ele espalhados. Mesmo estando

muito melhor acomodada, nada era

assim tão fácil.

Para começar, meu quarto, não tinha porta. Tinha sim, um pedaço de cortina fingindo ser porta. Qualquer um podia entrar quando quisesse. Também não tinha paredes, ou melhor, tinha, mas não chegavam até o teto. Havia um vão em todas elas. Com o tempo fui ficando mais à vontade com as aranhas, pernilongos e outros insetos superindianos que se sentiam atraídos pelo meu quarto.

Meu maior amigo, portanto, era a mosquiteira que havia em volta da cama e me protegia de mordidas inesperadas. Além dos vãos, havia uma janela grande, que não tinha vidros, nem veneziana. Era

aberta. Portanto, privacidade era algo inexistente. Eu trocava de roupa agachada.

O banheiro era como o outro: ficava a uns 80 metros do quarto. Não seria tão ruim se eu não tivesse que levantar todas as noites para fazer xixi no breu total.

Pegava minha nova lanterna, sempre com muito medo e ia ao banheiro o mais rápido possível.

Não tinha também vaso sanitário, nem papel higiênico, como já sabemos.

Havia apenas aquela louça típica para apoiar os pés e canalizar as fezes para um buraco fundo. Como eu fazia? Levava o meu papel higiênico e depois de completar a tarefa, colocava tudo dentro de uma sacola de plástico que regularmente eu depositava em um lixo maior localizado em um banheiro

coletivo de Auroville. Ai credo. Acho que eu poderia ter omitido esta parte... Ah! E também não havia água quente e as noites eram sempre frias o suficiente para não me convidarem para nenhum tipo de banho. Por isso eu me lavava geralmente de manhã. Durante o dia o calor era forte e eu suava. Outra coisa que acabei me acostumando um pouco era em ir deitar suja e grudenta. Eu preferia isso, apesar de ser nojento e muito desagradável, a tomar banho de água gelada de noite, ao relento. As noites eram frias, em contraste com o calor dos dias.

A comida de lá também não era para qualquer um e, com tantos temperos diferentes, eu acabava sempre passando fome. Não morri por inanição graças aos queijos que eu comprava no único

mercadinho da área, situado a uns três quilômetros de minha pousada.

Fora esses 307 detalhes, minha estada

foi

maravilhosa!

Conheci

franceses,

americanos,

suíços,

canadenses, israelitas, ingleses, um

brasileiro e alguns indianos. Desde o

primeiro

jantar,

sabia

que

tinha

encontrado o lugar certo para passar o

restante da viagem.

A partir das 8h da noite não havia

mais luz elétrica. Quem quisesse ainda alguma claridade acendia sua lanterna ou uma vela. Nesses jantares, para mim geralmente os melhores momentos do dia, conversávamos à luz das velas, compartilhando desejos, anseios e medos.

Eram momentos sagrados.

Pessoas de diferentes culturas e nacionalidades sentindo-se irmãs em terras orientais e compartilhando impressões, indignação e encantamento com relação à cultura indiana.

Capítulo 3

POR QUE ÍNDIA?

– Grá, querida, por que você não vai para Paris? Vai fazer o que na Índia sozinha?–

perguntou

doce,

mas

indignadamente minha tia, enquanto mexia em uns papéis em sua agência de viagens, onde fui comprar a passagem.

A escolha pela Índia não foi por ter

lido

algum

livro

sobre

esse

pedaçomilenar do globo, não. Eu não tinha lido nada a respeito. Não conhecia sobre a cultura ou o lugar. Tinha apenas imagens na mente que poderiam ter sido impressas ao assistir alguma reportagem

bonita na televisão. No entanto, eu sabia que era para lá que eu queria ir.

Lá eu conseguiria sentir um choque cultural. Queria incorporar um tipo de novo, de diferente, de diverso. Queria vivenciar algum tipo de experiência que me confirmasse que a vida que eu levava em Campinas, que meus hábitos e padrões

até

ali

seguidos

sem

questionamento, eram só escolhas entre muitas outras. Não me conformava em estar meio infeliz, dentro de um estado anestesiado, morno, morto. Queria intensidade, cores fortes e quebra de paradigmas.

Por que eu não poderia ser mais

feliz? Estar mais em paz, mais segura de mim mesma, com mais autoestima, mais liberdade? Porque eu não poderia ter mais intimidade com as pessoas, ter relacionamentos mais profundos e verdadeiros? Sentia-me aprisionada, cega, oca por dentro, viciada nos mesmos pensamentos e hábitos. Eu estudava Psicologia na época, mas achava que o conhecimento que me passavam ali todos os dias por seis ou sete horas, era tendencioso e pobre. Havia muita revolta dentro de mim. Eu achava que o tempo passava e eu mantinha protocolarmente meu bumbum colado em uma velha e pichada cadeira, em uma sala mal cuidada, ouvindo professores sem paixão, sem vigor, falarem automaticamente, seguindo um

currículo vazio.

Esta era a minha visão, talvez radical.

A esta altura eu dava excessivo valor ao meu próprio pensamento hostil e orgulhoso. Acreditava que a verdade tinha apenas um aspecto e este era sempre absoluto. Se alguma abordagem psicológica fizesse algum sentido para mim, mas depois trouxesse uma ponta sequer de incompatibilidade com meus pensamentos, eu já a descartava; não conseguia seguir adiante.

O mesmo acontecia em várias outras situações. Quando lia algum livro que gostasse, se houvesse alguma parte que me desagradasse, já o dava por perdido.

Algo morria dentro de mim. A curiosidade já estava manchada pela frustração. A imagem idealizada de mim

e do mundo nunca era sustentada.

Comecei só depois a aprender que posso gostar e desgostar ao mesmo tempo.

Posso

selecionar

o

que

aproveitar e o que descartar em um

mesmo livro, em uma mesma pessoa e

em tudo o mais. Posso abraçar o

diferente, expandir minha capacidade de

pensar, conhecer novas perspectivas, me

tornando

maior

e

com

mais

discernimento. Fui aprendendo, e ainda

estou, a aguentar frustrações. A lidar

com o que é real aqui e agora, com todas as limitações do momento. Não preciso riscar nada da minha lista só porque não atendeu à minha expectativa.

O que eu mais queria, contudo, era largar a faculdade, sair daquela rotina entediante. Ir para Índia por três meses foi uma opção mais branda. Ficaria três meses e voltaria com a cabeça diferente, mais aberta e quem sabe, mais livre?

Hoje percebo que a cada período de tempo, talvez a cada dois, três anos, sinto vontade de sair da velha toca, mudar de ambiente, de casa, de cidade; vontade de experimentar novas estradas e abrigos.

Talvez seja algum resquício que sobrou da mulher nômade.

Porém, não foi só o choque cultural e nem a fuga do entediante cotidiano que me levou para Índia: foi também uma

espécie de busca espiritual.

Cresci numa família sem religião, sem qualquer prática ou ritual de ligação com Deus. Meus pais não batizaram nenhum de seus quatro filhos e sempre fizeram questão de nos deixar livres para escolhermos mais tarde, eventuais caminhos religiosos.

Quando eu era muita criança, uma empregada que tivemos, dizia que Deus marcava negativo ou positivo em um caderninho e quando a gente morria, ele dava uma olhada nas suas anotações para ver se durante a vida tínhamos acumulado mais pontos positivos ou negativos. No primeiro caso, iríamos para o céu, no segundo, para o inferno. Simples assim. Eu então, sempre tive raiva de Deus, desde pequena. Sempre achei tudo muito injusto.

Algo na Índia me atraía, como se lá eu fosse encontrar algum tipo de explicação para as minhas perguntas, algum tipo de paz no coração. Quem sabe até fazer as pazes com Deus...

Tinha

juntado

dinheiro

fazendo

trabalhos temporários como *baby sitter*,

professora de inglês e motorista

particular de um arquiteto. Com o

dinheiro em mãos, comprei a passagem.

Os gastos com comida e hospedagem

foram presentes de meus pais e minha

tia. Mesmo incrédulos com a escolha de

fazer esta viagem, senti-me bastante

apoiada por eles.

Sem companhia, sem guia, sem

roteiro de viagem, sem lanterna ou

toalha, apenas com um destino e com uma certeza: a de que algo mais eu encontraria.

Capítulo 4

RÉVEILLON

A festa da passagem do ano de 1997 para 1998 foi na lage de uma cozinha comunitária. Uma grande festa com boas caixas de som e boa música estilo rock/popanos 80, 90.

Obviamente não era uma festa comum com bebidas e comidas.

Bebia-se água e comia-se alegria talvez. Para mim, acostumada a copinhos de cerveja ou vinho em reuniões e festas no Brasil, era engraçado e um tanto irônico caminhar pela festa segurando um copinho de água na mão. Assim muitos faziam, creio que para não deixar as mãos vazias e desempregadas.

Ao andar com meu copinho, algo me chamou a atenção: havia dois grupos de seres humanos. Um deles era de brancos: em sua maioria, ocidentais europeus e americanos, com seus corpos ultra-enrijecidos. Todos se balançavam um tanto artificialmente em resposta às músicas que tocavam. Cada um em seu próprio universo mexia-se de uma forma que demonstrava que suas carcaças estavam há muito congeladas, endurecidas e padronizadas. Outro grupo era o de indianos que dançavam alegremente e em conjunto, em filas, em rodas, batiam palmas. Todos em sincronia, riam e gargalhavam entre eles. A dança deles era tão

divertida que muitos de nós, com pouca malemolência, resolvemos parar e apenas contemplá-los.

Acredito que dançar molinho da maneira que o corpo pede ou em conjunto, como eles faziam, ajuda a removeras inúmeras tensões e doenças de ordem emocional. As teorias da Bioenergética que o digam – emoções reprimidas se alojam e passam a hibernar em alguma parte do corpo por anos e anos, tornando a matéria tensa e depois, doente.

Eu sempre gostei de dançar, mas não qualquer música. Para meu corpo se mexer, preciso mais do que gostar; preciso amar a música que toca. Se não amo a música, meu corpo não pede movimento. Ou talvez eu que não tenha muita intimidade com ele. Tem gente que

basta ouvir umas notinhas que os ombros
já começam a levantar, a cabeça a virar,
cintura, a sacolejar – é o tipo mais
sinestésico.

Eu, com 35 anos, nunca aprendi por
exemplo, a sambar; acho complicado e
me falta gingado.

“(…) A dança porém, exige o ser
humano inteiro

Ancorado no seu centro,
E que não conhece a vontade
De dominar gente e coisas,
E que não sente a obsessão
De estar perdido no seu ego.

A dança exige o homem livre e aberto
Vibrando na harmonia de todas as
forças.

Ó homem, ó mulher aprenda a dançar
Senão os anjos no céu
Não saberão o que fazer contigo.”

Santo Agostinho

Capítulo 5

SABEDORIA E ENTREGA

Paul era baixo, cabelos castanhos enrolados até o ombro, olhos azuis. Na faixa dos 50 anos, para mim realmente velho na época. Tinha um estilo *hippie*, colares no pescoço, sempre com a mesma roupa, camisa de linho larga, calça larga, sandálias de corda. Era suíço, por isso falava inglês com bastante sotaque.

Ele se hospedou no mesmo lugar que eu por um mês inteiro, razão pela qual criamos certa amizade, uma rotina de conversas nos jantares e almoços que aconteciam no local.

Acho que ele era sábio. Tudo o que ele falava, fazia enorme sentido para mim. Mesmo fazendo um enorme esforço

para entender seu sotaque, ainda assim, eu pescava não mais do que 50 por cento de seus conteúdos. Ele passava horas contando suas experiências de vida, que eram como pérolas que eu estava sempre pronta a coletar. Se eu o visse de longe, contando para alguém suas histórias, logo corria para junto dele abrindo meus ouvidos e largando minhas defesas.

Lembro-me dele dizendo que não morava em lugar nenhum e ao mesmo tempo em todos os lugares. Era um nômade convicto. Passava meses em algum país, para depois mudar para outro e criar uma nova experiência. Era também um nômade em

sua

personalidade.

Estava

sempre

experimentando

e

explorando

em

detalhes novos aspectos de si mesmo,

identificando-se ora com um, ora com

outro, como em um exercício de teatro

onde o teatro era a própria vida. Ele

tinha uma consciência divertida e

leve. Tornou-se, durante um mês, um

grande e velho amigo, até ir com sua

namorada

para

o

Sri

Lanka

e

desaparecer para sempre da vida de amigos passados.

Eu também gostaria de poder me desvincular de mim mesma brincando de ser outras pessoas e, na verdade, brincando de ser outros aspectos de mim. Como posso realmente inventar ser outra pessoa se o que estou usando como recurso sou eu mesma? Não seria eu então todas essas partes? O fora então não representa o dentro? O outro...seria eu mesma? Esta ideia para mim é fascinante. A mais fascinante de todas as ideias: somos todos um só. Será que realmente fazemos parte de algo maior? Somos um só e também somos cada um? Qualquer um de nós faz parte de um todo ao qual eu também pertença? Poucas vezes realmente senti

isso na pele.

Uma vez estava brincando no mar em uma praia em Ilha Bela. Era fim de tarde. A água estava tão linda que parecia um lençol azulado. Entrei devagar e fui tomada por um impulso. Comecei a dar cambalhotas para frente e para trás, dar saltos para cima e para baixo, rodopiar, me misturar até não ter mais pensamentos e nem qualquer senso limitador de "eu".

Acho que nesses momentos fui me esvaziando de mim mesma e, de repente, fui arrebatada por uma alegria gigante.

Quando saí da água eu era pura felicidade, sentia uma força diferente, uma leveza. Eu era tudo e tudo era eu.

Mantive-me

nesse

estado

por

algumas horas e, quando saí à noite para dar uma volta pela cidade, lembro-me de ter chegado perto de um homem que vendia pulseiras e brincos. Um homem sujo, barbudo, amendigado, grotesco em sua aparência. Cheguei mais perto para olhar um dos brincos e, quando subi a cabeça para olhar mais para ele, senti uma proximidade tão grande por esse desconhecido que eu poderia dizer que era amor.

O que aconteceu em resposta foi surpreendente. O homem com olhos raivosos, me disse rudemente: – Saia daqui que sua energia está me fazendo mal! Levei um susto. Acho que foi aí que voltei para meu estado de miopia crônica, onde predominava um estado sonâmbulo e automático de viver.

E na Índia, senti esta sensação por duas vezes. Na primeira, estava andando de bicicleta, indo sei lá para onde. Vi um lago prateado do meu lado direito, respirei fundo, continuei pedalando. Em seguida, uma árvore imponente, linda, devia ser muito antiga. Estaria eudentro de um quadro? De repente, parece que comecei a me fundir com a paisagem. Um sentimento de paz me inundou. Eu estava integrada, eu era a natureza e ela era eu; não havia diferença.

A outra vez que senti a mesma coisa, eu tinha acabado de acordar. Ia levantar da cama, pôr os pés no chão, quando comecei a virar o próprio chão, as paredes, as aranhas companheiras de quarto, depois o jardim...E fui me desenrolando no restante do cenário, como uma onda que vem de repente e

vai molhando tudo que está no caminho.

Era um estado de expansão. Não sei explicar mais do que isso. E não, eu não tinha tomado nenhuma droga.

Senti-me de novo parte de tudo, senti paz. A paz não é chata e sem graça como eu pensava. Não é mórbida. A paz é revigorante, é um sentimento de ser parte, de pertencer a um todo. Diferente do sentimento horrível de exclusão e isolamento.

Em Auroville participei de algumas atividades interessantes durante o tempo que lá permaneci. Dei aulas de inglês para um grupo de jovens indianos, fiz aulas de yoga, aulas de uma dança muito louca cujo nome não me lembro, mas que consistia exatamente em deixar o corpo se mexer sem restrições.

Assisti a peças de teatro no auditório,

ajudei na colheita de arroz, fui algumas vezes assistente de cozinha e, principalmente, o que mais fiz foi jogar conversa fora com as pessoas. Por um lado eu me sentia um pouco culpada por não estar "fazendo nada".

Por outro, eu percebia a importância que as pessoas davam para uma simples conversa em qualquer horário do dia, como se cada interação humana fosse especial e até sagrada. Como se cada troca de palavras e olhares, pudesse trazer crescimento e aprendizagem.

E eu queria me entregar, me render a essa sabedoria e ao ritmo lento dos dias.

"Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da

travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”

Fernando Pessoa

Capítulo 6

SAI BABA

Ouvi dizer sobre um tal de Sai Baba, um homem especial, cheio de poderes. Aparecia em vários lugares ao mesmo tempo, transformava objetos, falava muitas línguas. Como eu queria conhecer pessoas extraordinárias, resolvi visitá-lo.

Peguei um ônibus, viajei por doze horas à noite, sendo a única mulher entre muitos homens. O ônibus parava a cada hora (sim, a cada hora) para que os homens esvaziassem suas bexigas na estrada. Cheguei a Bangalore com a minha bexiga estourando, já que o

veículo não parou em nenhum lugar que não fosse “parada para deságue de urina masculina”. Como única mulher do ônibus, se parasse para fazer xixi, poderia ter sido atacada.

De lá, eu sabia que teria que pegar um táxi para Puttaparti, o vilarejo onde vivia o importante homem. Ao descer do ônibus às 4h da manhã em uma cidade grande na Índia, vários homens se aproximaram de mim oferecendo táxi, *rickshaws*, bicicletas, motos. Meio atordoada, olhei para o mais insistente deles, que aproximava sua cabeça da minha com seus olhos negro-arroxeados e acabei aceitando o seu táxi. Ele então me tirou do meio da multidão e me levou para uma rua estreita e escura.

Novamente, pensei talvez estar numa enrascada, mas minha conexão com algo

protetor e benigno me mantinha com uma tranquilidade surpreendente.

O homem parou em frente a uma porta de barracão daquelas que se puxa para cima para abrir e, ao abri-la, acendeu uma forte luz branca que ofuscou os olhos semidormentes de outro homem que estava sentado de braços cruzados com os dois pés também cruzados em cima de algum balcão comercial.

O homem, ao me ver, piscou várias vezes, coçou os olhos como quem coça a cabeça de piolhos, bocejou, tirou os pés do balcão, ajeitou sua roupa e grunhiu algo que entendi como positivo.

Antes de iniciar a viagem, perguntei onde era o *toa/ete* e fui desaguar minha urina que estava estocada há muito mais tempo do que era suportável.

Já no carro, disse a ele aonde iria.

Como era de se esperar, seu preço era absurdo.

Apresentei

minha

contraproposta,

que

foi

aceita

imediatamente. Afinal de contas, era

muito cedo para entrar naquelas

batalhas, onde parece infinito o tempo

em que o cliente fica oferecendo menos

e o vendedor pedindo mais.

A viagem durou por volta de quatro

longas horas entre paisagens rurais e

oníricas.

A

Índia

mexe

com

o

inconsciente. Em sonhos parece que tudo

é possível, nada tem muita lógica; na

Índia

é

a

mesma

coisa.

Everything is possible.

Durante os sete dias em que explorei

o território do Sai Baba, a rotina era a

mesma. Eu acordava às 4h da manhã, me

arrumava e ia como um zumbi para o

darshan, uma espécie de bênção dada

pelo Sai Baba. Pessoas vindas do

mundo todo chegavam a um enorme

salão coberto, sentavam e esperavam o

grande mestre chegar. Eu meditava e lia

livros sobre sua vida. Quando chegava,

ele andava entre as pessoas abençoando e, às vezes, materializava *vibhuti*– um tipo de pó sagrado acinzentado com aroma forte de flores.

Esse ritual era feito duas vezes por dia: uma de manhã e outra à tarde, e, também nesses períodos, ele chamava algum grupo para uma entrevista.

Conheci algumas pessoas que foram chamadas e as histórias eram de arrepiar. Uma pessoa que esteve frente a frente com ele me disse ter seu anel transformado em outro, diferente. Outra ouviu o mestre falar português de repente com ótima fluência.

Implorei para que o grande homem me lançasse um olhar que fosse; algo que me dissesse: “Eu sei que você existe e que está aqui; eu me importo com você.”, mas isso não aconteceu. Apenas

em sonho. Estava em uma roda, de mãos dadas com outras pessoas, e ele estava entre nós falando alguma coisa; olhou para mim, piscou e continuou o que estava fazendo.

Se eu tive algum aprendizado, acho que foi sobre a humildade. Eu queria tanto ser especial aos olhos de Deus; queria tanto ser aquela um pouco mais especial do que os outros. Queria ser tipo o Harry Potter, com uma missão de salvar o mundo.

Hoje entendo que este lado é uma parte de mim insegura que faz bastante para estar em relevo até mesmo pelo negativo: "Sou a pessoa mais *nó cega* no mundo; não tenho noção de direção" ou "Sou a pessoa no mundo que menos sabe contar piadas" e por aí vai.

Não sei ainda quem foi Sai Baba.

Dizia-se Deus, mas dizia também que a única diferença entre ele e a maior parte de nós é que ele sabia quem era, e nós não sabemos.

“Deus não está nas religiões, mas em sua mente e em seu coração”

Sathia Sai Baba

Capítulo 7

ONDAS

Desde que decidi ir para a Índia, sabia que esta jornada seria uma representação da “viagem da vida”.

Assim

como

estou

neste

corpo

encarnada enquanto Graziela por um período, de alguma forma o tempo que eu passaria lá, seria uma amostra curta,

intensa e consciente da viagem desta
encarnação.

Escrevi num papel o meu objetivo

para

deixar

bem

claro:

viver

experiências novas, me abrir para elas,
saber que eu estaria sendo guiada. Tudo
o que ocorreria seria para o meu
crescimento e aprendizado. Acreditando
nisso, eu ficava tranquila e confiante.

Uma noite, tive um sonho:

Estava sentada em uma rocha à beira-
mar,

sossegada,

contemplando

o

horizonte. Trazia ao meu lado um

conjunto de bijuterias, alguns brincos e anéis de nenhum valor material. Elas estavam ali ao meu lado e senti que era algo que eu tinha que proteger. Havia um apego emocional muito forte.

De repente veio uma onda do mar em minha direção que me fez pensar se eu deveria sair dali. Sem tempo de concluir o pensamento, veio outra mais forte e invasiva, que chegou a me molhar e ameaçar de levar minhas coisas embora.

De repente, fui atacada por um tipo de *tsunami* que cobriu não só meu corpo e minhas bijuterias, mas também o meu mundo todo: o céu, o espaço, todo o cenário em que eu estava inserida.

Em meio a este episódio muito rápido, meu pensamento forte, talvez mais forte do que as ondas era: "Que insulto! Como se atrevem estas ondas a

invadirem o meu espaço, acabarem com minha vida?".

Próxima cena, eu estava em um espaço vazio onde havia apenas escadas soltas, separadas umas das outras, espalhadas pelo ar. Escadas em que eu não podia usar os pés para subir, mas somente os braços. Eu sabia que tinha que subir as escadas uma a uma com a força de meus braços e alguma fé que me contava que este era o caminho: PARA CIMA.

Sentia a força de meus músculos tão real era o sonho. A dor e a felicidade de completar cada escada. Pensamentos sinceros de

autoconfiança

me

acompanhavam:

"Sou

forte,

eu

consigo!”.

Cheguei lá em cima e me deparei com uma grande sala vazia. Ao fim dela, um criado mudo com alguns objetos brilhantes. Uma voz sussurrou aos meus ouvidos e disse: “Olhe, ali estão suas verdadeiras jóias.”

Existem muitos tipos de sonhos, imagens e percepções que partem de diferentes núcleos de consciência.

Assim como dizia Jung, existe um tipo de sonho que parte de uma fonte mais digna, de um lugar mais sagrado de nós mesmos e acho que este foi um deles.

Minha própria interpretação foi a de que o mundo em que vivemos é ilusório na medida em que nossa consciência é curta. Vivemos apegados ao que vemos e sentimos, aprisionados a pensamentos

viciados e a histórias repetitivas porque temos medo. Medo das ondas, medo da mudança, medo do novo, medo de nós mesmos. Quanto menos consciência, mais medo.

Com este sonho na Índia, tive a certeza de que o que eu tinha a fazer era bater forte no peito e dizer alto e corajosamente:

“Que
cheguem
as
ondas!”

Capítulo 8

UM MUNDO

ESPIRITUAL?

Vou fugir um pouco da viagem à Índia agora e nos próximos capítulos. Vou falar sobre uma época, quando eu não sabia mesmo que o que

faltava para mim era espiritualidade:
algo que alimenta a alma, assim como a
comida alimenta o corpo; aquilo que não
podemos ver, mas apenas sentir. Vou
voltar à adolescência e também ao
período da faculdade, quando meus
questionamentos eram muito
intensos.

Uma vez li que o universo é benigno.
Parei. Fechei o livro. Abri e li de novo:
o universo é benigno. Uau! Eu não sabia
disso. Como ninguém me fala nada? Mas,
em algum lugar dentro de mim, eu sabia
e confirmava: "Se o universo é benigno,
não há nada a temer; existe uma lógica,
um sentido maior para tudo!"

Há muito mais entre o céu e a terra,
certo? Mundos paralelos? Consciências
diversas, energia... Espíritos? Do bem?
Do mal?

Meu avô morreu com 67 anos,
quando eu tinha 17. Ele era um homem
que aos 28 anos já tinha quatro filhas e
era separado. Diziam que quando novo,
ele era lindo, esportista, saudável. E
como
avô,
ele
era
bastante presente. Morava em São Paulo
e vinha para Campinas nos visitar de
vez em quando.

Chegava com uma cesta grande de
coisas que trazia do seu sítio em
Paraibuna: geleias, frutas, pães. Sempre
com um sorriso no rosto queimado de
sol, dentes brancos, mãos e braços
fortes e peludos que nos abraçavam com
força.

Meu

avô

era

carinhoso,

brincalhão e, ao mesmo tempo, um

pouco irônico e crítico.

Ele adorava ler e gostava muito de

um escritor inglês chamado Jack

London. Ele queria que eu lesse o livro

White Fangs, mas nunca li.

Meu avô Jaime. Hoje, quando penso

nele, sinto amor e saudades. Tive tantos

sonhos com ele depois da sua morte. Em

um deles, senti que estava o abraçando

apertado, matando um pouquinho as

saudades. Sonhei também que ele não

tinha morrido, que tinha sido um engano.

Um dia, alguns meses depois da sua

morte, eu estava na minha cama em um

dia comum, enrolando para levantar de

manhã, quando ouvi um zumbido se

aproximando, muito grosso e alto e cada vez mais grosso e mais alto. Fiquei com medo, mas não conseguia parar aquilo; tentei gritar e me mexer, mas estava paralisada. Foi quando ouvi um grito desesperado dizendo:– MAS COMO? EU NÃO VOU PARA FREEEEEEEEENTE! Esta última palavra ficou ecoando e diminuindo. O zumbido passou e eu levantei. O que tinha sido aquilo? Pensei ter ouvido a voz do meu avô, o seu tipo de entonação.

A partir deste dia comecei a ouvir com frequência esses zumbidos que antecipavam vozes em palavras ou frases curtas. Imediatamente eu entrava

em pânico. Muitas vezes consegui impedir o zumbido de aumentar e me levar para o que parecia ser outra dimensão. Eu rezava muito, com muita força e fé.

O zumbido era como um trem ao longe, apitando a sua chegada para que eu entrasse nele e partisse para algum outro canto. Eu tinha uma certeza atrás das minhas dúvidas: a de que aquilo que me acontecia era um tipo de transporte que me levava temporariamente para outra dimensão.

Mas para me certificar de que não estava ficando doida, fui a um neurologista. Fiz alguns exames, mas não havia nada diferente em meu cérebro. Mas, o que era aquilo, afinal? Eu precisava de uma explicação. Sabia que existia uma razão para aquele

fenômeno, fosse loucura, fantasma,
doença ou qualquer outra coisa.

Fui, então, a um centro espírita. Este
dia foi um dos mais marcantes da minha
vida. Abril de 1994. Eu tinha 18 anos.

Meus pais marcaram para mim um
encontro com a "chefa" do centro, que
era conhecida por possuir alto grau de
mediunidade. Entramos nós três na
pequena sala. Era uma tarde tranquila,
silenciosa. Sílvia estava atrás de uma
pequena mesa quando entramos e
sentamos. Depois de nos cumprimentar,
ela disse: "Vocês devem saber que não
estão só os três aqui. Estão vocês e mais
as equipes espirituais de cada um."

Naquele momento fiquei arrepiada,
com medo, paralisada. Contei o que
estava acontecendo e ela me disse o que
na verdade eu queria ouvir: que era

médium e deveria desenvolver. Eu não era especial por isso; todos poderiam desenvolver a mediunidade, inclusive eu.

Fui para casa cheia de alegria, de esperanças. O mundo tinha mudado neste dia; as coisas tinham passado a ter um significado maior. O mundo estava colorido.

Comecei a ler um livro indicado pelo centro espírita: *Violetas na janela*, sobre uma menina que morre e conta como é o outro lado. Comecei a ler mas, como eu tinha a cabeça bem fechada, muita coisa não cabia nela de jeito nenhum.

A protagonista do livro dava detalhes de como era seu mundo espiritual. Eu ia lendo, achando

algumas

coisas

interessantes, duvidando de outras. As

coisas lá funcionavam de forma muito

semelhante

ao

mundo

aqui

na

Terra. Então chegou uma parte do livro

onde ela diz que iria pegar o transporte

coletivo.

Antes de continuar, minha mente já

foi mais longe e imaginei-a no ponto de

ônibus, esperando um *busão* lotado de

gente cansada e suada depois de um dia

de trabalho. Ela passaria pelo cobrador

que estaria palitando os dentes e

conversando gritado com o motorista

etc. Fechei o livro e desencanei de

terminá-lo. “Uma vida igual à da Terra?

Faça-me o favor, há coisas melhores

para eu ler!”

Para desenvolver a mediunidade,

além de ler livros como esse, eu tinha

que fazer um curso de dois anos sobre a

doutrina espírita. Era necessário que eu

fosse uma vez por semana assistir a uma

aula que durava duas horas. Fui o

primeiro ano e não fui o segundo porque

não gostei do professor e nem da

moralização.

Sempre

havia

uma

imposição forte de moral: “Faça o

bem”etcetc.

Fazer o bem – o que era isso? Ser

bom... não é óbvio?

Senti falta de compreender o meu

lado sombra e aprender a lidar com ele, que é parte de mim. Sem me render, mas sabendo administrá-lo. Não adianta me dizerem que eu tenho que fazer o bem.

Disso eu sei, mas quero entender melhor. Quero fazer o bem, não por medo das consequências, mas por desejar simplesmente o amor e o respeito pelas coisas e pelas pessoas.

Então, acabei não me adaptando a esse centro espírita.

Assim, por anos e anos, sempre que ouvia aquele trem do zumbido apitar, eu rezava para que aquilo parasse, para que eu não fosse levada para o além, não fosse abduzida para um lugar estranho onde eu ainda teria que pegar transporte coletivo de terceiro mundo. Eu queria, quando morresse, ir para uma esfera onde pudesse no mínimo voar. Não seria

justo?

Capítulo 9

ESCOLHAS

O ser humano cria sua própria vida

– eu lia em alguns livros esotéricos dando um risinho de lado, debochando dos babacas que escreviam estas frases.

“Não acredito. O mundo que vejo é cruel, caótico, fragmentado. Eu não mando em nada; sou apenas um fantoche nas mãos de alguma força poderosa e senil.”

Em momentos de revolta, esses pensamentos assaltavam minha mente trazendo ódio. Sentimentos de estar amordaçada, sem poder nenhum para me desacorrentar e escolher qualquer coisa que fosse.

Em outros momentos, este mesmo pensamento era absurdo.

Uma outra parte de mim mesma sabia
que este raciocínio era como um farol
baixo de automóvel, que enxergava até
dois metros à frente. Meu farol, além de
baixo, estava sujo. Minha mente míope
não podia compreender a imensidão,
ordem e beleza de tudo o que eu não
conheço ou não vejo.

Sinto-me tão bem quando penso que
sou criadora de minha vida, que tenho o
poder de escolher a cada segundo para
que direção virar as rédeas dos meus
pensamentos!

O universo, visto a olho nu, sem
sentimentalismo

e

colorações

emocionais infantis, é maior que minha
pequena dualidade. Quem sabe mesmo a
sombra que sempre insiste em aparecer

tem seu propósito de contrastar a luz
para torná-la ainda mais brilhante?

Meu espírito ficava em paz e feliz na
adolescência com livros como *Um*, de
Richard Bach, *A erva do Diabo*, de
Carlos Castañeda, e *A história sem fim*,
de Michael Ende.

Nada faz sentido se eu não tenho
escolhas. Nada faz sentido se eu vivo
uma vida só.

Nada tem lógica e eu, apesar de
sentimentalista e sonhadora, gosto de
enxergar a lógica, de buscar as causas e
relacioná-las com efeitos. Tudo é causa
e efeito, mas nem sempre seguem uma
linha direta, cabendo em pensamentos
estreitos. A lógica que vejo em muitos
raciocínios arrogantes é pobre de
informações e rica em conclusões
precipitadas.

Toda experiência humana carrega o resultado das escolhas individuais já feitas. Não existe sorte nem milagre. Existe escolha, construção e mérito. É nisso que gosto de acreditar. Mas quem acredita ainda não vive. Acreditar não é o suficiente, pois ainda considera a dúvida. Nós não fazemos a pergunta: - "Você acredita no sol?"- e recebemos a resposta:- "Sim, acredito."

Eu, do acreditar, quero viver.

Perguntaram para Jung: – *Do you believe in God?* (Você acredita em Deus?)

Ele respondeu: *I don't need to believe in Him, I know Him.* (Eu não preciso acreditar em Deus. Eu o conheço.)

Capítulo 10

MAPA ASTRAL

Já fiz algumas sessões de mapa

astral.

Na última que fiz, eu estava fora do meu eixo, querendo ser alguém que eu não era.

Em

uma

maré

avassaladora de

autoconfiança

zero,

fui

buscar

a

confirmação de que eu era capaz; tinha

inteligência

suficiente

para

fazer

qualquer tipo de coisa que eu quisesse.

Nasci numa família de "cientistas".

Esta palavra eu é que estou atribuindo;
talvez eles nem se reconheçam assim.

Meu pai, médico, São Tomé convicto, ou talvez lá, bem no fundo, um devoto de Deus, disfarçado de São Tomé, não sei bem. Meu irmão mais velho, físico, sempre foi muito questionador.

Os dois tinham uma posição forte dentro da família e na minha cabecinha limitada de criança era simples assim: meu pai era o homem distante e poderoso da casa; minha mãe, a minha salvadora; meu irmão mais velho, o inteligente; meu irmão do meio, o engraçado e criativo; meu irmão caçula era o maduro e eu, a menina que queria ter um pinto para poder fazer xixi na estrada, como eles faziam.

No consultório da pessoa que fazia mapa astral, eu vestia os óculos da

derrotada, então transformei tudo o que eu ouvi em derrota. De acordo com a configuração celeste, eu era uma pessoa devota dos prazeres e ritmos do corpo, paladar apurado, feminina, acolhedora, carismática e emotiva. Alguém que na altura julguei como *fora de contexto, deslumbrada, zen.*

Para uma pessoa que estava buscando ser de inteligência lógica e espacial máxima, uma engenheira, matemática, física, astronauta; esse mais doce personagem desceu com uma pedra triangular pelo esôfago. Alguém para trabalhar com o corpo, alimentação, acolhimento. "Que

fraca..."

Pensei.

Aonde vou com isso? Queria ouvir algo diferente: "Minha filha, está escrito que

“você poderá ir à lua se quiser e poderá desenvolver sozinha o equipamento para isso”. Mas o que ouvi lá do fundo do meu mundo foi assim: “Minha filha, você poderá cozinhar, limpar e ser uma ótima anfitriã. Ah, e você também é ótima para cuidar de crianças”.

Que frustração!

“Meu destino é esse, afinal. Não estou para as grandes realizações que irão mudar o mundo. O máximo que poderei fazer será deixar maridos e filhos se sentindo ilusoriamente seguros e contentes com o jantar.” – não que isso não tenha valor, mas, dentro da minha enevoada e prepotente visão, aquilo não contemplava a minha vaidade.

Saí de lá sem querer sequer pagar a consulta.

Quando entrei no carro, mesmo com

um profundo incômodo, uma luz se
acendeu dentro de mim. Como se ali
houvesse uma potente porção de
verdade. Aquela seria eu? Coloquei uma
música bem bonita e, aos poucos, aquela
Graziela da comida, do corpo e do
acolhimento foi aparecendo, tomando
cor, expressão e movimento.

Aceitei ali experimentar sentir o que
sou de verdade e de quem quero fugir:
dona de um pequeno restaurante me vi
passando os dias fazendo comidas
deliciosas e alimentando amigos e
passantes. Gordinha, de vestido florido,
batendo
papo
enquanto
cozinhas, oferecendo sempre uma prova
do prato que acabava de terminar. Com
meus amores em volta, termino o dia

com uma bela taça de vinho na varanda
e um agradecimento às estrelas.

Mas

eu

também

poderia

ser

jornalista, escritora, chapa, antropóloga,

cantora, atriz, nutricionista e mais um

bando de profissões que, vez por outra,

tomam conta da minha sanidade e me

roubam o foco e a lucidez. Sempre quis

ser todas elas ao mesmo tempo e não

seria possível ser feito em uma só

tacada. Quem sabe se eu as colocasse

em uma linha horizontal, dando para

cada uma seu tempo e sua dedicação

honestas? Muitas vidas eu precisaria?

A visão do restaurante foi um dos

caminhos que me deixou integralmente

contente. Uma vida simples, sem complicações, tendo a tarefa clara de alimentar e acolher estômagos e corações.

Capítulo 11

ESTÁGIO

No quarto ano de Psicologia, participei de uma seleção para um estágio em Recursos Humanos na Unicamp. No dia da dinâmica de grupo, cada candidato tinha que explicar porque estava querendo participar do programa.

Na hora de falar, o nervoso que às vezes

me

leva

para

verdades

inadequadas levou a dizer que minha

motivação era justamente porque eu detestava Recursos Humanos.

Minhas amigas arregalaram os olhos e fizeram cara de "ferrou!"- Mas, para minha surpresa, fui chamada para fazer parte do programa, onde fiquei por dois anos.

Comecei a atender um gerente do departamento de transportes. Sentava na cadeira e ficava ouvindo falar. Eu não tinha a menor ideia do que dizer, como confortá-lo, ajudá-lo. Ficava lá ouvindo e pensando comigo: "Pois é, a vida é dura mesmo...Quantos problemas eu também tenho?!" Pensava eu com meus botões.

Então percebi outra maneira de ser produtiva:
perguntei
à

minha
supervisora
se
nós,
estagiárias,
poderíamos desenvolver algum projeto
de
autoconhecimento
para
os
motoristas.

Achei
que
ela
não
incentivaria porque, afinal, quem são as
estagiárias?

Mas
ela
realmente

acreditava neste trabalho e me pediu para escrevermos um projeto.

Nasceu então um projetinho, no qual trabalhávamos em duplas e atendíamos pequenos grupos de motoristas para desenvolver criatividade, comunicação, trabalho em equipe e outros temas.

Passei a estudar esses temas, para poder transmitir alguma coisa interessante.

Nos primeiros seis meses não houve aceitação por parte deles. Diziam-nos que estavam perdendo tempo, que tudo aquilo era inútil, que todos os problemas que vivenciavam no trabalho eram da responsabilidade dos reitores, da administração, dos colegas, do mau tempo etc. Passei por uma fase bem difícil, desacreditando na capacidade de mudar e amadurecer do homem.

Mais uma vez, um sonho me trouxe

segurança e motivação para continuar este trabalho por mais um ano e meio: um navio enorme em alto-mar. Uma explosão e o navio afunda lentamente. Um tumulto de pessoas, algumas se afogando, outras tentando socorrer.

Eu fazia parte do segundo grupo e corajosamente afundei no mar para puxar a mão de alguém que estava descendo nas profundezas. Tentei puxar aquela mão, mas o corpo já estava sem vida e apenas descia. Outras mãos pediam ajuda e eu apenas oferecia a minha e a pessoa puxava com sua própria força. Ajudei alguns a subirem para a

superfície e senti outras mãos já mortas,
rumando, sem resistência, para baixo.

Quando acordei, foi como se tivesse
encaixado uma peça importante do meu
quebra cabeças profissional: algumas
pessoas já estão mortas por dentro, não
querem mudar, não precisam, não
podem, mas muitas outras poderão sim,
aproveitar ajudas externas. Vou fazer o
que eu puder e deixar de lado a parte
arrogante que quer ser alguma espécie
de Madre Tereza.

Minha confiança aumentou muito.

Comecei a dar muito mais de mim e a
pensar que, se eu ajudasse pelo menos
uma pessoa a se sentir melhor, já teria
valido a pena.

O resultado final do trabalho,
segundo avaliação da supervisora e dos
próprios motoristas, ao final de um ano

e meio, foi uma mudança significativa na postura de quem participara. Os motoristas passaram a se posicionar mais em grupo, expor suas ideias, ser mais assertivos, se relacionar melhor com a equipe e a se responsabilizar por suas atitudes.

Entretanto, nem assim mantive a longo prazo, a segurança de que eu achava que precisava para me tornar psicóloga.

Capítulo 12

ALGUMAS VERSÕES DE

MIM

Eu queria ser alguém que inspirasse mudanças positivas nas pessoas, por isso fiz Psicologia. Mas tinha outro lado que me travava e que “queria muito” produzir tampinhas de refrigerante ou qualquer porcaria dessas.

“É mais pé no chão, mais real, mais planeta Terra. Quero ganhar dinheiro. Assim terei tempo para pensar em espiritualidade. As contas estarão pagas e minha cabeça, em paz. Querermudar o pensamento dos outros é complicado – e não dá dinheiro. Cada um que trilhe o seu caminho. Não fui eu que inventei nada disso. Essa brincadeirinha não é minha. Dane-se!

Além do mais, quem quer fazer terapia?

Ninguém

está

muito

interessado. As pessoas pensam que terapia é para “doidos” ou para quem tem um problema emocional muito grave.

Acho triste a maioria das pessoas se

acha muito bem resolvida e, na verdade,
estarem imersas em problemas.

Se criamos nossa própria vida,
criamos também nossos problemas e, se
os criamos, podemos *des* criá-los, não?

Será

que

essas

pessoas

tem

autoestima tão baixa que acham normal

viver uma vida de merda? É o máximo

que acham que merecem? Não irão

tentar melhorar de vida por seus

próprios esforços, até conseguirem? É,

acho que muitas, não. E tudo bem.

Problema delas.”

Eu acredito que podemos buscar

felicidade em todos os setores da nossa

vida e nada, nadinha, menos do que isso.

Felicidade também é aprender a aceitar o que não se pode mudar de imediato. Mas nunca desistir. Não estou falando de expectativas irreais e nem de uma vida sem dificuldades e desafios. Esses podem ser uma espécie de tempero que dão sabor à vida. Olhar cada problema como uma oportunidade para alcançar mais felicidade!

Ah

eu

quero

conseguir...

“Bom, deixa-me resolver primeiro os meus problemas e, quem sabe, depois, poderei dar uma força para outros?

Afinal, eu também não sou flor que se cheire. Tenho milhões de problemas; sou briguenta,

nervosinha,
impaciente,
preguiçosa e aceito sempre qualquer
convite para *encher a cara.*"

Assim gritavam meus pensamentos revoltados antipsicóloga, entendendo que assumir esta profissão implicaria em me tornar em alguma espécie de Buda. Hoje entendo melhor. Posso ser humana com milhares de problemas comuns e, ainda assim, ser psicóloga e ajudar outras pessoas.

"Nós poderíamos ser muito melhores, se não quiséssemos ser tão bons"

Sigmund Freud

Capítulo 13

PRIMEIRO DESASTRE

AMOROSO

Houve mais um motivo para eu ter viajado para a Índia.

Eu
estava
infeliz
com
meus
relacionamentos amorosos. Tinha tido
vários
"rolos"
bestas
e
nenhum
relacionamento sério, nenhum namorado.
Sentia-me como uma senhora de
sessenta anos solteira, sem esperanças.
Como se o tempo já tivesse acabado. Eu
já tinha me dado por incompetente nessa
área. Com 21 anos...
Ir para Índia então também era um
teste para ver se eu seria boa em alguma
coisa. Se eu aguentaria me colocar em

uma situação difícil e sair dela ilesa. Eu precisava me valorizar e me sentia valente no que se refere a viagens. Já tinha passado nove meses enclausurada em Dakota do Norte, nos Estados Unidos, quando tinha quinze anos, em um intercâmbio. Terminei a bravíssima tarefa de me manter lá sem ter crises de choro e voltar para o colo da mamãe. Ou melhor: tendo muitas crises de choro, mas aguentando sem mamãe.

Voltando ao tema relacionamentos. Ai que difícil...

Sempre fui tímida com meninos, ou melhor, nos primórdios da minha vidinha, eu era mais confiante. Acho que só depois fui "aprendendo" a ser tímida e me esconder. Aos três anos de idade, eu me apaixonei por um garoto de doze. Era um feriado e fomos para uma

fazenda de uns amigos dos meus
pais.Lembro
de
uma
cena
dele
balançando em uma rede branca rendada
e eu, apenas de longe, contemplando a
paisagem.

Minha mãe conta, que depois que
voltamos para casa, eu implorei para
que ela telefonasse para o jovem galã
por mim, mas ela resistiu. Afinal, o que
uma menina de três anos iria falar para
um moleque de doze? Enfim, ela acabou
cedendo e ligou para ele.Quando me
passou o telefone, recebi do outro lado
uma voz desdenhosa: – O que você
quer,hein,Grá? Devo ter ficado tão
desapontada que desliguei. Eu tinha três

anos! Meu Deus, o que aconteceu com
essa menina ousada?

Com onze anos, eu me apaixonei por
um menino em umas férias na praia, mas
era incapaz de dar um sorrisinho que
fosse para ele. O que eu mais sabia era
"dar foras", trocar soquinhos e jogar
pingue-pongue. Criada no meio de
meninos, isso é que era legal. Ser
menininha era chato e sem graça.

Apesar de ser assim, eu não era
masculina. Eu devia ser feminina porque
me

chamavam

muito

de...

argh... *bonequinha*.

Para mim era como um xingamento.

Era como chamarem o Michael J. Fox no
filme *De volta para o futuro* de

covarde. Esta era a palavra inimiga:
bonequinha. Para mim queria dizer
fraquinha, bobinha– e isso eu não podia
ser.

O primeiro caso amoroso que eu teria
tido foi com esse menino aos onze anos
de
idade.

Um

dia,

muito

inesperadamente, já de volta em casa
depois de longas férias, recebi um
bilhete de uma pomba-correio, grande
amiga minha, com a seguinte pergunta
dele :

“Grá, você quer namorar comigo?

Marque x: SimNão

1000000000000000 beijos”.

Respondi prontamente que sim e

entreguei a carta para minha amiga, que
era da classe dele.

Depois de uma semana, houve uma
festa

e

eu

sabia

que

iria

encontrar "meu namorado". Assim

que

cheguei, logo vi onde ele estava e fui
direto para o canto mais longe dele
possível.

Ele veio atrás de mim calmo e

confiante. Eu queria morrer de tanta

vergonha... Fugi mais uma vez. "Meu

namorado" persistiu indo atrás de mim

devagar

até

que

não

teve

jeito:elechegoumuito mais perto do que

eugostaria e perguntou: “ Então,Grá,

você quer namorar comigo?”

Eu afirmei que sim com a cabeça e os

olhos fixados no chão.

– Então, então...

Ele foi chegando mais perto ainda e

eu, em um ataque de pânico, virei as

costas e disse, indo embora:

–Então, tá...

Mais tarde, na mesma festa, o

momento mais triste da minha vida de

adolescente. Minha amiga chegou perto

de mim e falou:

–Grá, ele disse para você não levar a

mal, mas está tudo acabado.

Fui embora arrasada. Fim da história.

Nunca mais o vi.

Tudo bem que eu ainda era bem jovem, mas o medo da proximidade já estava instalado. É claro que se a ausência de medo permitisse, eu não iria além de beijinhos inocentes e seguradas suadas de mãos.

Mas estava muito, muito longe, até disso.

Fugi do monstro do prazer "como o diabo foge da cruz".

Esta parte de mim ainda vive e aparece de vez em quando. Medo da sensualidade, sexualidade, libido, vida, movimento, paixão – não só em relação a outro homem, mas também em relação à vida.

Então, a partir dos onze anos de idade, repeti esse mesmo padrão de fugir de meninos e, depois, dos homens.

Os que não me atraíam eram camaradas;
os que me atraíam eram perigosos. Na
presença deles, eu não era eu.

Criança com a mente em formação
tira muitas conclusões erradas sobre a
vida e as carrega até o túmulo. Algumas
das minhas milhares de conclusões sem
sentido foram:

Conclusão número 1: Eu não
podia ser natural, feminina, porque
significava fraqueza, humilhação.

Conclusão número 2: Homens
são perigosos, superiores, distantes,
poderosos.

Conclusão número 3: Eu sou
mulher, sou pequena, sou diferente da
família toda, portanto não pertencço
ao grupo – *deve haver algo errado
comigo.*

Todas estas conclusões absurdas para

um adulto mas lógicas para uma criança
foram se fortalecendo com o passar do
tempo,
tomando
mais
forma
e
reafirmando sua falsa validade.

Minha percepção, por mais que a
realidade se apresentasse diferente, se
adequava para se encaixar nessa visão
pré-moldada. Foram anos de conflitos
internos porque,afinal,outra parte minha
queria um relacionamento, queria ser
feminina, queria se entregar, sem me
sentir humilhada. E ainda, eu me
apaixonava
com
certa
facilidade;

sempre tinha alguém especial ocupando meu coração.

Capítulo 14

RELACIONAMENTO

SÉRIO

Depois que voltei de Índia, conheci meu namorado, que acabou até virando marido. Nessa época eu estava sendo constantemente

atacada

por

um

pensamento

involuntário

e

divertido: "Nós somos o sujeito da oração e não o predicado."

Esse pensamento não saía da minha cabeça. Acho que vinha de uma noção subconsciente de autorresponsabilidade.

Se eu quero alguma coisa, tenho que ir atrás. Afinal, eu nunca tinha ido de verdade.

Conheci o Fábio através de uma grande amiga em comum. Ele não queria namorar ninguém, e eu não queria me prender porque era muito assustador.

Mas nossa intimidade foi inevitável. Ele tinha acabado de voltar da África e eu da Índia. Tínhamos a mesma agenda com a capa de uma savana! Tínhamos muito em comum. Brincávamos e ríamos sem parar. Pela primeira vez, eu me sentia tranquila com um homem que também sentia atração.

Quando chegou a hora de mostrar que eu queria sair outras vezes com ele, (acho que no terceiro encontro) tive que pegar o telefone e convidá-lo para sair comigo. Como sempre, eu tinha enorme

dificuldade

em

mostrar

interesse.

Orgulho puro. Os celulares eram grandes e toscos como tijolos e não mandavam mensagens. Então na hora de abrir a boca, minha voz não saía, meu coração saltava e minhas pernas ficaram bambas. Tive que desligar e fazer alguma coisa para me dar coragem.

Coloquei uma música do *FooFighters* e lembrei daquele pensamento que estava sempre assaltando minha mente dizendo que somos sujeito da oração e não o predicado. Aí consegui. Falei com ele, ufa! Armamos um programa. Fomos ao um bar e depois em muitos, muitos outros lugares.

Mas era a primeira vez que eu estava

em um relacionamento e eu já tinha um discurso pronto: – Ninguém é de ninguém. O amor passa longe da posse. O amor é livre. O resto é dependência. Se eu amo, eu deixo ser, simplesmente. Se as decepções começam a aparecer é porque eu ainda não me relacionei com quem *é*, sim, com quem *eu queria que fosse*. A decepção é o encontro com a verdade. Com tudo aquilo que *é* e *não é* esperado.

Não quero ser de ninguém; quero ser da vida.

Quero jogar fora tudo o que é falso, mas não sei mais onde está este limite de tanto que me enganei para não sentir a dor da verdade. A dor e a alegria do agora, de como sou hoje.

Prefiro a verdade límpida, a dor honesta ao conforto hipócrita.

Quanto

mais

entrava

no

relacionamento, mais entrava em mim

mesma, e, quanto mais entrava em mim,

mais medo eu tinha. Pois não é óbvio

que o medo que sinto dos outros todos é

o medo de mim própria?Porque o outro

que me amedronta me põe frente a frente

com um lado meu que desprezo.

Tenho medo dos homens porque eles

me mostram meu lado feminino – justo

aquele que sempre escondi, porque

achava menor.

As

mulheres

poderosas

me

amedrontam porque mostram meu lado

falso, que esconde essa mesma mulher, porque, em minha mente, mulher bem resolvida é uma farsa.

É falso que é uma farsa. Mulher bem resolvida, feminina e poderosa é o que eu busco ser. Não preciso ser agressiva para ter poder e nem submissa para ser feminina.

Capítulo 15

TOSSE

Voltando para o sul da Índia.

Auroville.

Estava jantando em uma noite comum com alguns viajantes que vinham de longe, contando seus causos, suas dificuldades e aventuras em terras indianas, quando, de repente, comecei a tossir em uma espécie descontrolada de engasgo e tosse. Saí da mesa e fui tossir mais próximo ao meu quarto, onde eu

tinha minha fingida privacidade.

A tosse foi aumentando, ficando mais longa, mais alta, mais profunda. Achei que eu estava me transformando em algum lobisomem. Não reconhecia mais o que saía dali. Meu olho começou a lacrimejar sem parar, meu nariz, a entupir.

Ninguém me acudiu, ninguém chegou perto de mim, creio que de tão assustadora que eu deveria estar naquela condição humilhante. Também eu não era a única a ter estas esquisitices na Índia. Sempre tinha alguém com um problema físico qualquer, como tosse, febre, diarreia e coisas até mais sérias.

A tosse foi acalmando bem devagar.

Voltei para a mesa como se nada tivesse acontecido, mas, por dentro, eu estava apavorada. O que teria sido isso? Algum

vírus oriental megapotente? Com o rosto
vermelho e os olhos lacrimejantes,
terminei quieta meu jantar.

Tive mais alguns acessos desta
mesma tosse durante a noite e no dia
seguinte percebi que eu poderia não
sara

sozinha,

como

sempre

acontecia. Fui então ao posto de saúde
de Auroville. Chegando lá, dei meu
nome e falei sobre a tosse rapidamente
na recepção.

Esperei um pouco em uma sala aberta
para um jardim bonito, cheio de árvores
e passarinhos. Logo uma mulher jovem,
provavelmente americana, me chamou
para entrar em uma sala pequena onde
havia apenas uma maca e uma mesa com

duas cadeiras.

Falei da tosse, da minha preocupação por nunca ter tido uma tão forte. Ela então pôs as mãos em cima da minha garganta sem encostar no meu corpo, como uma espécie de *reiki*. Ficou assim por uns oito minutos de olhos fechados. Eu fiquei apenas observando, pagando para ver como isso iria funcionar.

Passados os minutos, ela me pediu para sentar e receitou inalações três vezes por dia com folhas de eucalipto.

Saí de lá já com as folhas da planta na mão e fui direto para "casa" fazer a inalação. Fervei a água, coloquei as folhas de eucalipto numa panela e levei tudo para o meu quarto. Lá em cima, pus a panela no meu colo, cobri a cabeça com um cobertor e fiquei uns dez minutos inalando o vapor. Sem exagerar:

remédio poderoso ou fé, a tosse de lobisomem me abandonou completamente.

Capítulo 16

PSICOLOGIA OU MEDICINA?

Quando fui fazer Psicologia, tinha a ilusão de encontrar uma ciência exata. Foi um enorme desaponto perceber o quão obscuras e divergentes eram as teorias apresentadas sobre a natureza humana. Eu até ficava contente com algumas explicações sobre o funcionamento dos neurotransmissores do cérebro, mas não enxergava onde

aquilo somava com um entendimento maior do funcionamento do corpo. Então por que não fiz Medicina, já que meu pai é médico e poderia até me ajudar abrindo caminhos na hora de exercer a profissão?

Na verdade, essa ideia de fazer Medicina passava pela minha cabeça, mas, quando pensava no tanto que teria que estudar para passar no vestibular, logo a abandonava. Acho que eu não queria tanto assim.

Eu também achava que a medicina ocidental era muito fragmentada. Ela também não tinha a "exatidão" que eu buscava.

As especialidades pareciam brotar em uma curva ascendente sem fim.

Conhecemos cada vez mais as partes da máquina, mas não conhecemos o templo

grandioso que é o corpo com toda a sua complexidade, com todos os outros níveis corpóreos de densidades mais sutis, como o corpo mental e o emocional.

Os pacientes têm que ir de

especialidade

em

especialidade,

pulando de galho em galho, porque o sintoma físico vai mudando de posição, de órgão, de localização, buscando encontrar algum equilíbrio torto. De fato, muitas vezes a raiz do problema está longe de ser descoberta.

Hoje entendo que, como todos os outros temas do conhecimento, nada está concluído.

O

conhecimento

vai

evoluindo

e

as

ideias

vão

se

aprimorando, as partes se juntando, as conexões se formando.

Mas uma coisa ainda me incomoda:

não damos o valor e o poder que os pensamentos e os sentimentos merecem.

Não damos a eles a dimensão e o impacto que exercem em nossa vida diária, em nossas escolhas e qualidade de vida.

Segundo a Psicossomática, a doença é, muitas vezes, um sintoma. A doença física pode representar um pensamento estragado, uma crença errada, um

conflito inconsciente. Muito do que acontece com o corpo começou em outro lugar. O corpo é nossa parte mais densa. É a única peça que conseguimos enxergar e a última impactada por nossos pensamentos.

As doenças começam nas emoções destrutivas não liberadas, não aceitas, não elaboradas.

Quando será que a ciência se fundirá com a espiritualidade?

Sem esoterismo, a ciência (se é que isso já não acontece) irá desvendar aos poucos muito mais do que se sabe hoje. Como a tecnologia, que revelou para nós um mundo inteiramente novo, mesmo que já existisse antes. Acredito que a ciência poderá fazer a mesma coisa com a espiritualidade.

Poderemos entender muito mais as

relações

entre

mente,

emoção

e

corpo, sem charlatanismo, sem exageros,

generalizações, mas com maturidade de

raciocínio.

E por que não investigarmos mais

esse tema? Por que não investirmos em

pesquisas sérias?

Acho triste a quantidade de dinheiro

investida para se fazer descobertas

espaciais. Bilhões de dólares... Leio

matérias sobre terem descoberto água em

outros planetas e fico chocada. Tem

gente que ainda pensa que somos os

únicos no universo?

Essas pessoas não têm ideia do

tamanho desse negócio ainda?

Por que seríamos os únicos?

Por que não se despende esse

dinheiro

com

coisas

melhores?

Educação, por exemplo? Por que não

aprendemos

na

escola alguns

conhecimentos colocando-os em prática,

conhecendo

nossas

habilidades?

Trocando o chuveiro, trocando pneu de

carro,

fazendo

uma

comida? Não

aprendemos nada sobre nutrição e nos

alimentamos porcamente. Por que não ensinar sobre as emoções? Como se relacionar da melhor forma? Como se comunicar com os outros?

Nosso currículo é antigo e não atende às necessidades do mundo de hoje. Por isso talvez eu não tenha me interessado pela matéria de Psicologia Escolar, que na época focava mais em como tentar “consertar” alunos “problemáticos”.

Enquanto tivermos este sistema de ensino, enquanto a escola não oferecer um trabalho intenso para os pais, enquanto

os

pais

colocarem

a

responsabilidade sobre a educação de seus filhos nas escolas, teremos cada

vez mais problemas. Hoje no Brasil, crianças especiais devem ser inseridas na escola comum. Mas, como, se elas tem necessidades especiais? Como, se para que elas se desenvolvam precisam de atenção especializada? Acredito que essa medida traz mais problemas do que soluções. Mas para mim é fácil falar, eu não vivo essas questões no meu dia a dia. Apenas escuto versões de colegas, pacientes e amigos.

Capítulo 17

O PATHWORK

Quando fazia esta viagem em meio ao desaponto com a Psicologia, nem imaginava que mais tarde encontrariao que estava buscando: respostas para minhas perguntas.

Respostas

após

respostas, respostas das respostas em um conhecimento imenso sobre o ser humano.

Os acadêmicos que me perdoem, mas este conhecimento que depois encontrei no meio do meu caminho é muito mais amplo e profundo do que qualquer coisa que eu já tinha visto nas universidades.

Era

2004,e

eu

estava

desesperadamente precisando de uma ajuda para meus conflitos matrimoniais.

Já tinha passado por toda diversidade de terapeutas e abordagens psicológicas e, desta vez, não queria nada daquilo.

Reconheço que algumas me ajudaram no processo de autoconhecimento e outras

foram perda de tempo e dinheiro.

Uma amiga de minha mãe indicou a ela, uma moça muito interessante, que fazia um trabalho diferenciado.

Telefonei e marquei uma consulta.

Depois dessa conversa, eu soube que achei o que eu estava há tanto tempo buscando. Sua forma de raciocínio e sua profundidade foram um convite para que eu mergulhasse no poderoso mundo desconhecido de mim mesma.

Iniciamos os dois, eu e o Fábio, um trabalho em grupo e depois cada um integrou um grupo diferente. Passamos os dois

a

conhecer

sobre

nossas

motivações

negativas,
nosso
lado
dependente, nossa criança ferida e o que
mais contribuía ocultamente para brigas
infernais.

Esta
metodologia
de
autoconhecimento
chamada *Pathwork*
não foi elaborada por seres humanos,
mas transmitida por um guia espiritual
através de uma médium chamada Eva
Pierrakos.

Para espanto e descrença de muitos,
uma consciência muito mais alta que a
nossa, transmitiu por vinte e dois anos
informações sobre quem somos, o que
vimos fazer aqui, como funcionamos,

porque não funcionamos da melhor forma, para onde vamos e muito mais.

Coisa de maluco?

Na verdade, para mim não importa de tanto sentido que fazem os seus conceitos, de tanta possibilidade de aplicação gradual e imediata em nossas vidas, de tão reais e reconhecíveis suas explicações.

Pela primeira vez vesti a camisa de alguma coisa, mesmo que duvidando a cada instante. Não compro nem engulo nada que não passe pelo meu crivo crítico interno. Mesmo assim, meu coração tem sua brandura e muitas vezes o que leio se encaixa perfeitamente a ele, sem conflito nem mistério, fazendo simples e libertadoras constatações.

Esta metodologia chacoalhou meus pensamentos. Iniciou em mim um longo

processo de questionamento de crenças
errôneas.

Como quem quebra tijolos velhos,
secos e duros de uma casa antiga em
demolição, eu começava a desconstruir
minhas
velhas
crenças

e

opiniões. Somente

após

começar

a

passar por essa desconstrução interna
pessoal é que senti segurança para
começar lentamente a trabalhar como
psicóloga.

O *Pathwork* ensina que estamos em
um processo constante de evolução,
cada vez mais próximos de Deus,

criador, força cósmica ou chame como quiser. Somos uma manifestação divina. Temos uma centelha divina e nossa maior meta é manifestá-la.

Para isso, devemos paralelamente transformar nossa negatividade, nossas forças contrárias à evolução, nosso "eu inferior". Devemos lidar com ele de forma honesta, reconhecendo cada defeito, cada motivação e sentimentos negativos. Devemos olhar nos olhos de nossos demônios internos e termos coragem para enfrentá-los. Devemos também remover todas as nossas máscaras que fingem nos proteger, mas que não passam de aspectos mórbidos que acabam também nos "protegendo" de viver nosso

máximo.

Devemos assumir completamente o que somos aqui e agora.

O que acontece é que geralmente não queremos assumir responsabilidade por nossas experiências, que são resultados de uma dinâmica infalível de causa e efeito gerada pelas escolhas que fazemos e que já fizemos. Nosso mundo externo é o resultado matemático de nosso mundo interno, com toda complexidade de pensamentos e crenças inconscientes e conscientes, e todas as nossas crenças errôneas. Estas crenças são conclusões genéricas e absolutas que fizemos enquanto criança (ou mesmo

antes disso), quando tínhamos estrutura mental mais limitada.

De acordo com esse entendimento, nós temos muitos níveis de consciência que coexistem em nosso ser. Podemos começar a entender quantos conflitos internos, quantas ideias contraditórias nós possuímos e que causam tanta confusão e atraso de vida. Por exemplo: nós temos motivações que partem de núcleos diferentes.

Minha criança interna, associada a meu eu inferior, pensava da seguinte forma:

“Eu quero me relacionar porque preciso urgentemente que alguém preencha meu vazio dilacerante. Quero a atenção que nunca recebi nas doses que eu precisava. Quero que alguém me

dê a proteção e a segurança que eu nunca tive. E mais: quero minha independência financeira porque preciso mostrar para a minha família que eu consigo, mas, na verdade, sei que sou imprestável. Na verdade, acho que quero continuar dependente porque aí não tenho que fazer muita coisa. É só esperar e alguém fará por mim. É meio monótono, mas melhor do que fazer esforço.”

Ao longo do trabalho com a terapeuta, fui encontrando uma voz mais verdadeira que se assenta nas bases da confiança em minhas capacidades internas. Fui encontrando uma voz mais verdadeira que se assenta nas bases da

confiança no universo e em minhas
capacidades internas:

“Eu quero me relacionar
porque quero experimentar o
amor. Quero dividir com alguém
a minha vida, quero trocar
experiências, quero vivenciar
cada vez mais o prazer a
alegria. Quero

a

minha

independência financeira porque
quero sentir a felicidade de poder
andar com as próprias pernas.”

Segundo o *Pathwork*, a criança
interna precisa de atenção, cuidados,

amor,

apreciação

da

própria

singularidade, proteção.O adulto precisa
de
amor,
prazer,
desenvolvimento
espiritual, autoexpressão, sentimento de
que está contribuindo para algo maior
do que ele próprio.

Percebemos facilmente que são
necessidades diferentes.

A criança busca, desesperada e fora
de si mesma, aquilo que não recebeu ou
que não recebeu a contento (lembrando
que crianças são insaciáveis).

O adulto para encontrar segurança,
plenitude e realização; deve começar a
cuidar das feridas da criança interna.

Fazendo isso, ele estará inteiro para
oferecer ao mundo tudo aquilo que faz
parte de seu ser, de seu caminho e que

muitas vezes permanece
competentemente enterrado.

Diz o guia, que a maior alegria
do homem é quando ele oferece
suas qualidades para o mundo, de
acordo com todo o seu potencial.

O inverso é verdadeiro. Quanto
menos o homem se doa para o mundo, e
quanto menos contribui, mais infeliz ele
é. Para o bem de todos, é preciso que a
vida faça usufruto do homem e de suas
qualidades e singularidades. É preciso
que o homem deixe a vida fazê-lo. Não
podemos deixá-las implodir; devemos
canalizá-las, desenvolvê-las, expandi-
las em uma troca virtuosa com o
universo.

O *Pathwork* também fala sobre cada
um ser o criador de sua própria vida.

Para criarmos as experiências que

queremos, não basta querermos apenas,
mas
é
possível
quando
olhamos
destemida e objetivamente para o
poderoso aparato interno que possuímos
e que muitas vezes nos puxam para
direções opostas.

Temos que conhecer, questionar,
reavaliar nossos pensamentos infantis e
absolutistas, aqueles que perguntam
para a mãe em um filme quem é o
mocinho e quem é o bandido. Não
existe, na verdade, essa divisão. Todos
possuímos o mal e o bem dentro de nós.
Existem muitos tons de cinza entre o
branco e o preto.

Capítulo 18

EU IDEALIZADO

Outra conclusão errada que tirei da vida quando pequena era que eu tinha que ser perfeita em tudo. Mais do que perfeita:

tinha

que

ultrapassar

a

perfeição. (Uau, como seria isso?).

Criei,

assim,

a

minhaautoimagemidealizada. Um personagem criado pelo mecanismo psíquico de defesa especificamente com o objetivo de nos proteger da dor de não sermos perfeitos ou ideais para mamãe e papai. Um personagem totalmente irreal, que segue exigências impossíveis de

serem alcançadas.

Novamente me exponho para poder explicar melhor: para mim era um tormento apresentar trabalhos em sala de aula na faculdade. Ficar em pé na frente de setenta pessoas e ser dona da palavra nem que fosse por cinco segundos me causava pânico.

Uma das lembranças mais frustrantes que tenho foi quando nosso grupo de cinco meninas foi apresentar um trabalho e eu tinha apenas uma pequena parte para explicar.

Todas nós estávamos alinhadas de frente para a classe e uma de cada vez ia desenvolvendo o assunto na sequência.

Meio robótico, mas todas cumprindo sua tarefa.

Chegando minha hora de falar, fui me sentindo cada vez mais branca e fria; meu coração batendo com força e minhas pernas, cada vez mais moles.

Quando chegou minha vez de expor meus célebres conhecimentos, entreguei meu papel (roteiro) para uma amiga ao lado e sentei. Não consegui. Ela fez um ótimo trabalho e eu fiquei apenas assistindo, com ódio de mim mesma.

Projetada nesta imagem irreal estava uma pessoa destemida, que não poderia mostrar um sinal de tremor, nervoso, medo. *Tinha que* transmitir ao público, confiança e clareza total. Não podia também gaguejar ou falar qualquer bobagem. Como se o mundo não fosse feito delas.

Quando passei a trabalhar a minha autoaceitação, comecei a melhorar.

Sim, eu posso ficar nervosa. É

permitido

sentir

medo.

Aliás,

é

permitido sentir qualquer coisa que seja, por mais desprezível que pareça. Nunca serei punida ao sentir, a não ser por mim mesma. Serei punida só se passar para o nível da ação.

Sinta tudo e sinta profundamente.

Jogue-se no mar do sentimento e apenas observe aonde ele vai: só assim poderá fluir com ele e se desprender dele, ensina o *Pathwork*.

Mas para isso temos que acessar constantemente nosso "eu observador",

assistindo nossa dinâmica interna como se estivéssemos assistindo a um filme.

Sem nos identificarmos com nossas partes, sem nos perdermos dentro delas, sem fazer julgamentos.

Para mim esse novo ensinamento chegou trazendo liberdade. Liberdade para sentir.

A primeira *palestra-treino* que dei na formação para me tornar facilitadora de *pathwork* foi linda. Pelo menos eu pensei que tinha sido.

Só o fato de não sentir todo aquele medo e de falar sobre um assunto que eu amava, me deu tanta satisfação que terminei a palestra achando que tinha sido fantástica.

Nós, alunos, tínhamos que dar uma aula para os colegas e um professor.

Depois,

todos

avaliavam.

Éramos

treinados também a fazer as observações

de *feedback* do nosso eu superior, ou

seja, a partir do nosso melhor, do querer

o melhor, enxergar o melhor e enxergar

também aquilo que pode ser melhorado

no outro sem drama e sem qualquer

postura arrogante de superioridade.

Minha avaliação revelou uns catorze

itens

nos

quais

eu

precisaria

melhorar. Que frustração!

Como poderia ter achado que foi bom

se foi ruim? Esquecendo pretos e

brancos, ok, vamos entender melhor.

O bom foi que eu me senti muito mais solta do que eu era. Senti-me dominando o assunto e falando sobre ele. O ruim foi que, pelas minhas capacidades, eu poderia ter feito melhor. Eu poderia ter atentado para detalhes que passaram batido. Ah, um deles: dei a palestra sentada!

Claro que se eu levantasse e andasse pela sala, ocupando o espaço disponível e olhando no olho das pessoas, seria mais envolvente, mas eu não me sentia com autoridade interna suficiente.

Sim, entendi. Anotei todos os itens e trabalhei cada um deles.

Na segunda palestra, estava me sentindo muito à vontade. Andava pela sala, olhava para as pessoas, perguntava se elas estavam acompanhando, dava

exemplos do que eu estava falando.

Essa recebeu uma ótima avaliação.

Hoje em dia, dou palestras e

desenvolvi o prazer de falar em público.

Olho para quem escuta e sinto que existe

química,troca; existe algo mais que

acontece que nem eu sei explicar, mas,

durante

esses

momentos,

sinto-me

encaixada e contribuindo de alguma

forma.

Porque contar tudo isso para alguém?

Porque essa história é prova de que

não devemos buscar sermos hoje um ser

perfeito. Devemos fazer isso aos

poucos, dando um passinho de cada vez,

comemorando cada vitória.

A frustração de não sermos perfeitos

ou não sermos compatíveis com nosso *eu ideal* é como uma paulada na cabeça que faz com que a gente desmaie e não faça nada. Em vez de caminhar, ficamos desmaiados, frustrados. Neste momento deixamos de fazer aquilo tudo que podemos.

Então, saber que eu não sou perfeita e que, ainda assim, posso ser o eu do agora me deixa livre para ser o que eu quiser. Deixa-me livre para arriscar.

Deixa-me livre para crescer na melhor velocidade. Não é sentar a bunda na imperfeição e dizer: –Dane-se! Não sou perfeito! – Mas dizer algo assim: – É...Ainda não foi desta vez, mas logo será se eu realmente me esforçar e der um passo de cada vez.”

“Não
existe

caminho

para

a

felicidade. A felicidade é o caminho.”

Mahatma Gandhi

Capítulo19

NÁUFRAGA

Voltando para a viagem à Índia. Fiz

um

amigo

inglês

vegetariano,

o

Andrew, que adorava cerveja e vodka,

assim como eu. Em uma noite,

estávamos na praia em volta de uma

fogueira com dois outros indianos

quando avistei, ao longe, dois pares de

olhos

brancos

e

brilhantes

se

aproximando. As praias em Pondicherry

eram como as calçadas em Portugal:

lotadas de cocô. Em Portugal eram de

cachorro; na Índia, de gente.

Eu sabia que havia muitas vilas ao

longo da orla fora dos limites de

Auroville. Vilas pobres de pescadores. As

poucas vezes em que eu tinha ido à

praia, ficava dentro da área da cidade

internacional. Sair

destes

limites

significava incorporar a miséria, os

cheiros, as visões, a feiúra arrebatadora

que a pobreza inevitavelmente traz pela

falta de cuidados e de saúde.

Os homens desconhecidos iam se

aproximando devagar, e logo imaginei um assalto a mão armada e outros horrores desencadeados pela experiência de viver em um país como o meu. Foram chegando mais perto e ainda de longe soltaram pelo ar uma língua estranha, o *tamil*, língua oficial do Estado de TamilNadu. Meus dois amigos indianos então responderam algo e, finalmente, quando chegaram mais perto, travaram um conversa curta entre eles. Não entendi uma palavra sequer, como era de se esperar. Saudações para lá e para cá, foram embora e meus amigos indianos disseram que nós fomos convidados a dar uma voltinha de barco às 5h30 na manhã do dia seguinte. Nesse horário então estávamos nós na beira da praia, no lugar combinado. Eu vestia uma calça larga de algodão, uma

camisa de manga comprida e um *modess* tipo fralda para idoso que recebiaminha tão esperada visita mensal. Levava nas costas uma mochila contendo dicionário, papel higiênico, máquina fotográfica e outras coisinhas úteis.

Nosso veículo marítimo chegou e pousou na areia – era uma jangada de madeira pesada, tão moderna como aquela clava – instrumento de matar dinossauro do Piteco, da *Turma da Mônica*. Conforme mandaram, subi no barco e sentei *male-male* em um banquinho molhado, tentando não molhar de vez o bumbum e revelar minha vermelha intimidade.

Demos uma volta de meia hora observando aquelas águas quentes no Oceano Índico, que cheirava umidade e maresia. O tempo todo a tripulação de

três pescadores, conversava entre si,
nessa língua onde nem os sons me eram
familiares. Apontavam para o mar, a
costa e suas vilas mostrando detalhes
que eu nunca viria saber quais eram. Eu
não consegui me envolver tanto no
passeio devido às minhas condições
físicas.

Minhas pernas já estavam fracas de
tanta força para não molhar o bumbum, o
que faria com que minha calça se
banhasse em sangue . Quando, graças ao
bom Deus, resolveram voltar para a
praia, um imprevisto: a uns 5 metros da
areia, em cima da quebra de uma onda
gigantesca, essa jangada antiga mas até
então
ilusoriamente
confiável,
desequilibrou,

acabou

virando

e

mandando todo mundo para o mar.

Embaixo d'água, desacreditada com a inabilidade dos *caras* de impedir este acidente, subi furiosa à superfície e bati com a cabeça no barco que ainda não tinha saído de cima de mim, ou melhor, eu é que não tinha saído de debaixo dele. Dei umas cinco braçadas de peito, e consegui chegar à superfície.

Como estávamos já bem perto da praia, logo pude elegantemente, pôr

meus

pés

na

areia

–

toda

molhada,menstruada,puta da vida e sem
minha mochila. Saí pisando duro, sem
me despedir de ninguém, nem de meu
amigo Andrew, que estava sendo tão
companheiro. Eu tinha perdido itens
importantes.

A vida, no entanto, traz surpresas e
ao mesmo tempo, além da raiva, senti
como se, de repente eu tivesse nua,sem
nada para esconder ou ter.Sem ego, sem
apego, sem perfeição. A verdade nua. O
vermelho da fêmea escorrendo pelas
pernas
sem
constrangimento.

Estranhamente eu respirava liberdade.
Senti a ausência do ego amedrontado. A
ausênciadaquele *eu* que me cansava,
daquela parte que me prendia e me
escondia. Verdade que este sentimento

deve ter durado uns trinta segundos, mas realmente senti isso.

Caminhei pela praia, de mãos e costas vazias, quando alguém gritou me chamando lá de trás. Comecei a voltar sentido à vila de pescadores quando vi um tumulto de crianças e homens em volta do que poderia ser algum baú de tesouros enterrados há tempos.

Chegando mais perto, vi que não tinham me chamado para partilhar do baú, mas, sim, entregá-lo inteiro para mim. Minha querida e companheira mochila voltou à superfície e às minhas mãos. Nada que havia lá mantinha sua integridade física depois de visitar as águas salgadas do mar, apenas meu dicionário português– inglês,

que,
depois, coloquei para secar ao sol. Até
hoje o tenho em meio às prateleiras,
amarelado e inchado pelo contato com o
grande,
surpreendente
e
generoso
Índico.

Capítulo 20

JANTAR COM O TAXISTA

Após um almoço em Pondicherry, ao
voltar de táxi para a hospedagem, fui
convidada para jantar na casa do taxista.

Como não aceitar se o que eu mais
desejava era me misturar com uma
cultura

desconhecida? Eu queria me

perder dos meus antigos grupos e
dogmas, queria me perder de mim

mesma. Queria não ter grupos, nem crenças, nem rótulos.

Um indiano nativo, um ser humano com hábitos muito diferentes, me convidara para entrar em sua casa e compartilhar sua comida. Aceitei na hora!

Combinamos às 7 horas da noite.

Segui as instruções de como chegar a pé, afinal sua casa ficava dentro de Auroville, em uma vila local muito miserável.

Neste horário, ele me esperava na porta de uma construção simples de tijolos, bem mal cuidada.

Ao entrar na casa, um corredor escuro à minha frente com o que parecia ser três portas ao lado esquerdo e três, ao lado direito. Chão de terra batida.

Ele então me convidou para entrar em um

dos

quartos

à

esquerda:

—

“Welcometomy home.”

O espaço parecia uma toca. Com não mais do que oito metros quadrados, um fogão a lenha baixinho ao meu lado direito. Na outra parede um armário de madeira velho e cinco esteiras de palha enroladas. Próximo ao fogão, no chão, bananas, mexericas, coco e uma mistura que ia se tornando uma porção de bolinhos enrolados pelas mãos de uma mulher curvada, que me cumprimentou de cabeça baixa, em posição de submissão.

Meu anfitrião estendeu logo uma esteira para sentarmos.

Sentei-me devagar e pasma com o
que meus olhos viam. Aquele lugar não
poderia ser a casa de ninguém. Onde
faziam as necessidades? Onde se
lavavam?

– Tenho três filhas. Todos dormimos

e

fazemos

as

refeições

nestas

esteiras. Cada cômodo desta casa grande

é a casa de uma família inteira.

Começou uma longa história sobre ter

filhas mulheres e o peso que isso

trazia. Como pai de três meninas, ele

carregava três grandes pesos. Cada uma

delas, quando se casasse, teria que

pagar à família do marido um valor alto

de dinheiro. O dote é uma tradição muito

antiga na Índia e, apesar de ter sido proibido por lei em 1960, ainda existe na prática.

Meu amigo talvez esperasse de mim algum tipo de ajuda financeira, mesmo sem tê-la pedido explicitamente. Porque me contava tudo isso?

Passada uma hora de conversa, ou melhor, de um lamento profundo e dolorido da parte dele, sua mulher me ofereceu um *vadai*, um bolinho frito de legumes, que aceitei feliz.

Eu já sabia que naquele país, não se pode rejeitar o convite de um anfitrião para comer ou beber qualquer coisa em sua casa. Essa atitude é considerada um grande insulto, assim como não se pode receber nada com a mão esquerda, porque é com a tal, que as pessoas limpam sem papel higiênico, seus

fiofozinhos.

Conversamos mais um pouco e, quando ela me ofereceu o doce de coco, minha cabeça logo fez que "Não, obrigado". Foi automático.

Eu queria aceitar, mas, pelo cheiro, meu corpo logo disse: "Não, pelo amor de Deus, não faça isso comigo novamente!"

Diarreia com fortes dores de barriga eram muito comuns nessa viagem, tanto que, a certa altura, comecei a tomá-las como situação crônica.

Não sei o motivo de tantas dores de cabeça e sensações de febre. Eu vivia meio doente, acho que não estava acostumada aos temperos, à falta de higiene, à má qualidade da água. Ingênua e despreparada como fui, não levei sequer uma aspirina, ao passo que todos

os amigos ocidentais que fiz na viagem tinham sua malinha de primeiros socorros como o item mais precioso de toda bagagem.

Agradei muito e falei a verdade:

– Tenho estado bastante doente ultimamente e acho que o problema pode estar relacionado com a água daqui, que é muito diferente (para não dizer imunda, cheia de bactérias). Não se sintam ofendidos, mas tenho que preservar um pouco meu intestino. Viajo em dois dias. Pegarei um ônibus por doze horas até a cidade onde mora o Sai Baba e será muito complicado viajar doente.

Seus olhares me disseram que tudo estava ok. Eu tinha sido absolvida do castigo de comer o doce.

Conversamos mais um pouco e me

despedi com dor no coração. Eu não tinha o que fazer. O problema do dote era muito sério e quem era eu para mudar alguma coisa? Quem sabe se o fato de ele ter sido ouvido por alguém já não lhe teria causado algum conforto? Mais uma vez, estava eu lá do outro lado do mundo, ouvindo alguém se lamentar e lidando com a minha impotência. Mas alguma coisa já estava mudando em mim naquela época. Eu já conseguia olhar tudo isso com alguma distância, por mais que estivesse com o coração partido. Algo em mim dizia que estava tudo dentro de uma certa ordem maior.

Quando era pequena, eu me lembro de chorar ao ver uma foto da

National Geographic

que

mostrava

pessoas na Etiópia passando fome. Pele e osso, mães com seus filhos no colo.

Todos pele e osso.

Eu chorava e tinha raiva de Deus, não dos homens, mas de Deus, porque Ele, sim, criou o homem; não foi o homem que criou Deus.

Agora mais velha, eu já começava a pensar que o homem talvez não fosse um fantoche na mão de um Deus maligno.

As vítimas de Deus já estavam começando a desaparecer de mim. Já não sentia tanta pena dos outros.

No livro *Conversando com Deus*, o protagonista pergunta a Ele o que deve fazer quando vê alguém no semáforo pedindo dinheiro. Deus responde que não existe fórmula. Existe o que o seu coração sentir. Sente vontade de dar?

Dê. Não sente? Não dê. E quando o coração quer dar, a mente calejada pode breçar. E quando coração não quer, a mente pode mascarar.

É por isso que *ouvir o coração* é ainda tão repetido: porque ainda não aprendemos. Dizemos que é clichê, mas não compreendemos.

Acho *ouvir o coração* um treino.

Constante, diário, eterno.

É observar as ondas e a profundidade do sentir. É sustentar. Deixar fluir, confiar, amar.

No fim, o maior ensinamento de todos é simples: temos que aprender a amar. Viemos aqui para isso.

Mas...O que é o amor?

Que vago... Esse amor é muito pobre.

O *Amor* com A maiúsculo é muito mais do que eu vejo. Honestamente, acho bem

difícil encontrar pessoas que vivam este amor grande. Uma força poderosa, que une, agrega, que inspira que aceita os outros como são e a vida como é; aquilo que enxerga nítido o mais alto e nobre de cada um.

“ O amor é uma das grandes forças universais; existe por si mesmo e seu movimento é livre e independente dos objetos nos quais e através dos quais, se manifesta. O que você chama de amor e pensa ser uma coisa individual e pessoal, é apenas sua capacidade de receber e manifestar esta força universal.”

*Mirra Alfassa, uma das fundadoras
de Auroville*

Capítulo 21

ABORDAGENS

DESAGRADÁVEIS

Era hora de sair definitivamente da segurança da cidade de Auroville. Eu queria muito conhecer Varanasi, a cidade sagrada, a antiga Benares, cidade dos grandes mestres religiosos. Fui com o Marcelo, um amigo brasileiro que fiz em Auroville.

Acho que devemos ter comprado passagens individualmente, porque eu fui em uma cabine e ele, em outra, um tanto distante.

Foram quarenta e oito horas de viagem na primeira classe, o que significava que havia dois beliches na minha cabine ao invés de assentos, como na segunda e terceira classes.

Nestas últimas, a situação é sempre surpreendente pelo número de seres que conseguem

se

acomodar

juntos.

Crianças, velhos, mulheres, homens,
animais de estimação, animais de rua,
pedintes sem o tíquete para a viagem,
todo mundo empoleirado, passando
horas e horas em convivência pacífica.

Eu fiquei na cama de cima e uma
família, com pai, mãe e uns cinco filhos,
tomou conta do restante, conversando,
comendo e gritando durante todo o tempo.

Quando faltava ainda uns quarenta
minutos

para

chegarmos,

o

trem

começou a parar de cinco em cinco
minutos. Muito desciam e muitos subiam
sem nenhum controle de passagens.

Eu já estava com as minhas coisas
arrumadas; mochila nas costas, uma
mala de rodinhas ao lado, esperando
ansiosa a chegada que seria comunicada
por um oficial do trem.

A família "trapo" indiana tinha
descido há algumas horas atrás. Eu
estava sentada na cama de baixo,
olhando pela janela aquele mundaréu de
gente desconhecida nas estações caindo
aos pedaços. Muita gente, muita sujeira,
muitos
cheiros
desagradáveis.

De
repente, apareceu à porta da cabine um
homem até que bem vestido, alto, bem
moreno, que me fez uma pergunta. Não
entendi qual era, mas entendi alguma
coisa relacionada a fechar a conta.

“Será que ele me pergunta se eu fechei minha conta? Ué, mas eu não consumi nada do trem...”.

Educadamente, pedi para ele repetir a pergunta. Ele o fez em tom malicioso e pôs a mão no seu saco (sim, escrotal).

Aí entendi cada palavra. Não tinha a ver com conta nenhuma; ele me fazia a pergunta mais obscena possível: – *Can I lickyou?* (Posso lamber você?)

Nesta mesma hora, uma força gigantesca tomou conta de mim e me levantei segurando a mala na mão direita e a mochila nas costas. Olhei bem nos olhos dele, indo em sua direção a fim de atropelá-lo com minha bagagem e com minha raiva.

Acho que, de tão assustado, ele deu um passo para trás, dando-me passagem.

Corri para a cabine do Marcelo, uns

dois vagões à frente e lá fiquei até a chegada.

Algo trágico poderia ter acontecido, mas não aconteceu. Eu estava protegida.

Eu sabia disso, ou melhor: eu sentia.

Conversando depois com Marcelo, passado o susto, até demos risada pensando que o senhor pelo menos tinha sido educado e perguntando antes de me atacar diretamente.

Houve outra situação parecida com essa.

Era por volta das 9h da noite em Varanasi. Já estava escuro e eu caminhava sozinha pelas escadarias que beiravam o Ganges. Voltava para a pousada cansada depois de um dia cheio. Apesar de não estar com medo, andava com o passo apressado para não facilitar

qualquer
abordagem
de
homens folgados, principalmente aqueles
que acreditam que mulher branca é
promíscua.

Faltava ainda um tanto de caminhada
para chegar ao hotel e já não se via
muita gente nesta altura do Ganges,
quando um menino de uns dezoito anos
se aproximou e começou a andar
paralelamente a mim, com os passos na
mesma velocidade. Não dizia nada. Eu
apertava o passo, ele apertava também.
Era jovem, magro, vestido como todo
indiano — calças largas, camisas de
botão tipo quase chique e pé no chão. Eu
olhei de soslaio, aumentando o passo e
ele então me disse em tom amigável: – *I
loveyou.*

Continuei a andar depressa, sem dizer nada. O menino se apressou o mesmo tanto que eu e agora começou a abrir o zíper da calça enquanto andava rápido para me pegar.

Engatei em uma corrida de máxima velocidade, pulando as escadarias em saltos, desviando de um colosso de lixo que havia mais adiante. Olhei para trás uma única vez e ele vinha certo atrás de mim. Com o perigo desta vez bem real, quando vi que ele estava decidido, acelerei meus passos num tiro de papaléguas. Não olhei mais para trás porque perderia tempo.

Cheguei no hotel salva. Subi para o quarto e aproveitei, sem querer, para reforçar um pensamento estragado que já existia no meu subconsciente "Afinal, o sexo é a causa de todos os problemas.

Pinto, vagina...Quanta porcaria acontece só porque eles querem estar juntos?"

Culpo a sexualidade, mas acho Freud um imbecil!"

Só depois vejo como estou sendo ignorante. Coloco Freud no seu devido lugar, como alguém que veio lembrar, que cada um de nós humanos, esconde a todo custo um baú cheio de material psíquico, muitos deles assustadores, que causam vergonha por não conhecerem moral nenhuma.

Ao mesmo tempo em que este baú guarda

fantasmas,

também

guarda

enorme quantidade de beleza, força, criatividade, que são como chaves que nos libertam.

Sim,

tenho

medo

ainda

da

sexualidade e de tudo o que vem com ela, mas quero reconhecer e conhecer cada vez mais sua beleza e as experiências que dela brotam quando estou livre do medo.

Sobre a importância do sexo, já li em algumas fontes, que o homem e a mulher são dois aspectos de uma única unidade.

Juntos, completariam uma unidade espiritual. Seria por esse motivo que nos sentimos incompletos e um tanto vazios, sem nossa "outra parte."

Sobre o que vou chamar de

"vandalismo sexual" – lugar dos assédios violentos – acredito serem

fruto de repressão sexual e do mau
entendimento
sobre
o
verdadeiro
significado do sexo. Reprimir, não é a
saída. Estudar e educar sobre o assunto
com respeito e amor, pode ser levar a
soluções
para
enormes
problemas
individuais que se refletem em nossa
vida social.

Capítulo 22

MAIS CHÁ

Para quem pretende ir à Índia
recomendo ficar o tempo necessário
para senti-la além do choque cultural. A
sujeira e a miséria saltam aos olhos e

atortentam o coração. Se ficamos menos tempo do que isso, creio que corremos o risco de não ultrapassar a simplicidade do que o que os olhos vêem.

Varanasi é uma cidade milenar e encantadora.

Fiquei em um hotelzinho muito simples e sujo.

Ficava

a

poucos

metros

do

crematório sagrado da cidade, aonde

mortos do país inteiro chegavam

levados por seus parentes para serem

cremados e, depois, terem seus restos

lançados no Rio Ganges.

Fiquei lá durante dez dias. Passeava

entre os *ghats* durante os dias e finais de tarde,
contemplando pessoas,
perambulando rumo norte e rumo sul, de um rio que parecia não ter fim.

À medida que você anda, pode ver

um

milhão

de

coisas

diferentes

acontecendo lado a lado, como se cada uma estivesse totalmente isolada em sua dedicação e paz. Enquanto um homem se esfrega fortemente com sabonete para limpar seu corpo ou limpar bem seu ouvido, seu vizinho calmamente parece beber a água sagrada ao lado em profundo estado meditativo.

Por trás desta cena, não raramente

pode se ver corpos já despídos do sopro da vida, a boiar, seguindo o curso do rio. Ossos dos que foram cremados também são vistos com frequência em meio a esse quadro surrealista, cheio de cores, horrores e mistérios.

Chocante. Inacreditável. A Índia é tudo isso e muito mais. Ela não tem pena do nosso pequeno ego amedrontado.

Depois de alguns dias absorvendo esta realidade um tanto indigesta e misteriosamente atraente, uma amiga me levou para tomar chá.

Paramos em uma espécie de tenda simples, onde um menino vendia um chazinho muito gostoso – o bom e velho *chai*. Comprei e o tomei alegremente, já que nunca achava o meu companheiro café. Toda bebida quente me remete a um carinho de mãe e nesta viagem eu

precisei muito dessa figura. Acabei me fortalecendo de alguma forma me colocando paralelamente como uma versão madura e materna de mim mesma.

Acho

que

cresci

alguns

centímetros...

Tomei o chá durante muitas tardes, nunca reparando nos detalhes da preparação. Uma das vezes, ao molhar os lábios no poderoso e acolhedor *chai*, vejo que o garoto de não mais do que treze anos desce com um grande balde no rio, enche-o do néctar e sobe com o balde cheio levando-o direto para o fogo.

Desta vez a bebida desceu torta. Por

dentro me senti estranha, doente, pensei que fosse direto cair de boca e acabar com meu crânio por ali também, mas, assim como eu, muitas pessoas já beberam desta água e não morreram por isso.

Os religiosos vão dizer que é pela água ser sagrada; os cientistas, porque foi fervida.

Ver para crer – dizem os cétricos.

Crer para ver – dizem os que têm fé.

E se os dois pensamentos forem verdadeiros?

Capítulo 23

DESPEDIDA

ATRIBULADA

O dia seguinte era o dia de finalmente ir embora, misericórdia! Eu não via a hora de voltar para casa. Estava exausta dessa vida. Louca por uma cama limpa e

confortável, um chuveiro quente, uma comida gostosa.

Meu avião sairia às 3h tarde, direto para Londres e de lá para São Paulo no dia seguinte. Fui de manhã comprar as últimas lembrancinhas para familiares e amigos: colares, pulseiras, coisinhas baratas e bonitas.

Ao voltar para o hotel, caminhava dentre as vielas milenares e muito muito sujas, com pedintes para todo lado, junto a animais se esbarrando, brigando por um espacinho qualquer, quando vi um cachorrinho deitado no meio do caminho.

É comum os animais tomarem conta dos espaços públicos, estradas,

escadarias, restaurantes e,às vezes, até lojas. Não sei se emanei alguma energia desagradável

para

este

cachorro

especificamente. Ele era magrinho, feio e parecia inofensivo. Eu não senti medo,mas, ao passar por ali,ele levantou de onde estava, tranquilamente se aproximou, como quem não quer nada, deu-me uma dentada e voltou para seu lugarzinho ao sol.

Estranhei, fiquei meio puta, mas

continuei

andando.

Não

doeu

praticamente nada, mas, ao chegar no hotel, levantei minha calça e vi as

marquinhas do seu dente junto com sangue escorrendo pela perna. Fui na recepção e, quando mostrei as marcas da dentada, o recepcionista fez cara de horror. Mandou-me ir diretamente, sem demora, a uma farmácia para que eu tomasse uma vacina contra raiva.

Entrei em pânico.

– Raiva??? Socooooooooorro!!!

Saí andando rápido pelas ruas em direção a lugar nenhum. Eu nem sequer sabia onde havia uma farmácia. O homem da recepção me explicou, mas eu não entendi nada.

Fui

entrando

pelos

labirintos

estreitos e mal cheirosos, cheios de pessoas sorridentes, sem dentes, com

vestimentas coloridas; todos pareciam que tinham sido abençoados por uma certa alegria e inocência que eu não sei explicar de onde vinha.

Eu ia passando por essa gente e, de vez em quando, perguntava para um ou outro mais apurado:

– Sabe onde há uma farmácia?

Todos respondiam que não ou não respondiam, até que encontrei um senhor mais bem apanhado que me explicou onde havia uma. Eu já estava bem perto.

Em uma situação normal, quando ouço uma explicação de esquerda, direita, reto, farol, eu lembro apenas até a segunda frase e depois esqueço tudo.

Nesta situação de pânico, não entenderia nada que tivesse mais de uma frase:

– Logo ali – o senhor disse, apontando com o dedo.

Entrei desesperada na farmácia,
esperei ser atendida fingindo estar
calminha, afinal só tinha sido mordida
por um cachorro indigente na Índia, por
acaso um dos países mais afetados pela
doença no mundo. Quem precisaria se
desesperar por isso?

“Estamos todos entregues a Deus.

Tudo o que acontece está certo e não se
preocupe: se for para morrer, é por que
chegou a hora certa.”

Quando chegou minha vez, expliquei
que tinha sido mordida por um cachorro
magro, feio, mal, mas com cara de
bonzinho. O senhor do outro lado do
balcão fez cara de enterro e me deu três
vacinas para serem tomadas a cada 24
horas. Entregou-me ainda a seringa, a
agulha e me dispensou, direcionando-se
para o próximo cliente, que estava atrás

de mim.

Fiquei olhando para o pacote em minhas mãos sem saber o que fazer.

De repente, ouvi alguém ao meu lado perguntando se eu precisava de ajuda para aplicar a injeção. Olhei para aquela voz e vi uma senhora baixa e branca. Seu sotaque era francês.

– Sou freira, enfermeira e moro em um convento aqui perto. Vamos comigo e então posso aplicar a injeção em você.

Agradei muito e fui convidada para subir em seu táxi-charrete que a levaria para casa. Eu estava preocupada, já me sentindo mal.

Não sabia nada sobre a doença.

Sabia apenas que era bem comum na Índia e que era grave. A charrete começou a andar, cortando em câmera lenta multidões de pessoas e animais

desordenados, quandominha salvadora
diz que vai somente passar em uma
lojinha para buscar algumas fotos que
tinha mandado revelar.

Eu disse que tudo bem, mas que, por
favor, não demorasse, pois, além de
estar morrendo, eu tinha que pegar um
voo para pelo menos fazer isso em casa.

Ela nem ligou.

Comecei a pensar que naquele local
minha vida não tinha grande valor
mesmo. Ninguém se importaria muito se
eu morresse. Eu não era nada. Era
apenas mais uma dessas branquinhas,
viajantes solitárias, que fugiam de suas
vidinhas
cinzentas,
achando
que
poderiam conhecer a sabedoria e a força

dessa cultura antiga e misteriosa, em uma viagem de poucos meses.

Fomos seguindo até encontrar a tal loja. Ela desceu da charrete, entrou, demorou lá dentro como quem faz a cerimônia do chá: cada gesto demorava horas para ser concluído. Era como se minha vida tivesse parado naqueles minutos nos quais ela se movia sem pressa nenhuma, imersa na alegria permanente e leve de uma freira apaixonada e entregue a Deus e sua paz inabalável.

Nestes mesmos instantes, meu sangue estaria sendo lentamente contaminado por um vírus mortal e cruel. Dentro de poucos minutos eu já estaria babando e urrando de raiva em uma espécie de epilepsia descontrolada e humilhante. Finalmente ela voltou saltitante com

suas fotos e fomos para o convento.

Várias escadas para subir. Ela tinha um aposento no quarto andar de uma construção bonita e antiga, que poderia ter sido a casa de algum príncipe indiano na época de Jesus ou mesmo muito antes disso.

Subimos. Ela fez seu trabalho em três minutos e me aconselhou: não se esqueça de tomar a próxima vacina em 24 horas.

Antes de sair do convento, ela perguntou onde ficava meu hotel e, após ouvir minha explicação de que era próximo ao crematório, sugeriu-me voltar de barco pelo Rio Ganges, pois seria muito mais rápido.

Já atrasada, segui seu conselho, peguei um táxi-barco e em dez minutos desembarquei em terra firme. Subi até o

hotel observando pela última vez as
caveirinhas do crematório. Arrumei e
fechei minha mala, olhei pela última vez
pela janelinha do quarto encontrando lá
embaixo homens com seus afazeres pela
beira do rio, uns pedindo esmola, outros
vendendo

haxixe,

outros

gurus

meditando ou dormindo (nunca sabia
direito), meninos correndo, brincando e
abordando turistas.

Suspirei pensando: "Talvez eu volte,
mas não será tão cedo!" Saí com as
malas do quarto, fechei a porta e desci
para pegar um táxi rumo ao aeroporto.

Estava ainda em tempo de pegar o
avião.

Enquanto levantava voo, eu deixava

para trás muitas histórias, grandes amizades e um país surpreendente. Um lugar que representava a loucura que eu queria vivenciar. Fui atrás de quebra de paradigmas e encontrei.

Saí no entanto com a seguinte pergunta: O que será que aconteceu que a Índia, em sua maior parte, se tornou tão absolutamente miserável em termos materiais?

A

dualidade

entre

espiritualidade e materialismo era mais clara do que nunca: conforto material ou Deus? Não daria para ter os dois?

Na capital inglesa eu cheguei umas 5h da tarde e meu avião para o Brasil sairia às 9h da noite seguinte. Não pensei em sair do aeroporto nem em ir à

cidade de fato porque tudo era muito caro e eu estava com pouco dinheiro. Resolvi passar a noite lá mesmo. Já tinha visto pessoas dormindo nas cadeiras e achei que conseguiria fazer o mesmo. Passei por bastante tempo pelos espaços do aeroporto, lotado de lojas, bancas de revistas, casas de doces com suas embalagens coloridas, atraentes, irresistíveis, organizadas em lindas prateleiras.

Fiquei pensando: "Que mundo alienado!"

Depois

de

fazer

uma

dieta

completamente saudável em Auroville,
sem carne, sem doce, sem nada que
fizesse mal ao corpo (a não ser a pobre
da água), depois de comer *vegetariano*
também em Varanasi e não ingerir nada
de doces, eu me espantei com aquelas
prateleiras e embalagens, que mais
pareciam o diabo disfarçado de anjo.

Aprendi desde muito cedo que o
açúcar branco é um dos maiores
inimigos da saúde física. Em minha
casa, quando eu era pequena, era
proibida a entrada de açúcar branco.

Minha mãe só passou a liberar um pouco

depois

que

eu,
esperançosamente,
perguntei para ela se dava para eu trocar
de mãe. Ela conta até hoje que eu pedi
uma mãe que deixasse comer açúcar.
Paralisada em frente à mais linda loja
de doces e guloseimas do aeroporto,
recebi, sem aviso prévio, uma avalanche
de emoções de tristeza. Tristeza pura.
Não era drama, era a dor da tristeza, a
dor de ver o que nós fazemos com o
nosso corpo, o que nós adultos damos
para nossas crianças, quanto lixo
alimenta todos os dias nossos templos
sagrados.
Lixo, lixo, lixo por trás desses belos
pacotinhos. Agora parece uma visão um
tanto radical, mas essa foi a percepção
do momento.
O sono foi chegando, o cansaço mais

ainda. Levei minhas malas para o meu temporário dormitório. Encontrei umas cadeirinhas confortáveis em um lugar vazio e então me deitei. Comecei a cochilar; pensei comigo: "Que ótimo será economizar o dinheiro do hotel! Que lindo será ter algumas libras para gastar no *dutyfree* em presentes para meus pais e meus irmãos. De fato, tudo o que tinha restado eram sessenta libras.

Hum...Nhamnham...

Mãozinha fechada apoiando a cabeça como um anjinho dormindo, quando, de repente, meus ouvidos saltaram em um susto. Foi como se o alto-falante aumentasse seu volume no máximo.

Comecei a ouvir todo tipo de cancelamentos e atrasos que aconteciam no aeroporto inteiro. Tentei não ouvir.

Pus um casaco para cobrir a cabeça,

bufei, virei de lado, xinguei a avó e a mãe da mulher do alto-falante e tomei a sábia decisão: vou dormir em um hotel, afinal tenho um dia inteirinho no aeroporto pela frente.

Fui ao balcão de informações para turistas e perguntei onde havia um hotel próximo a Heathrow. Não daria para ir a Londres, pois teria que pegar um trem caro e os hotéis também seriam caros. Resolvi ir para um hotel perto.

Chamaram um táxi para mim. Cheguei no hotel rapidamente. Eram 10h da noite.

Quanto custa uma noite? Quarenta libras? Credo, tudo isso?

Já tinha gastado oito com o táxi, dezesseis com a volta. Sobrariam quatro libras para comer no outro dia e nada de presentes do *dutyfree*. Ok, não tenho outra opção.

Entrei em um quartinho limpo e
cheiroso. Tinha uma cama alta, de
colchão macio. Chorei de alegria. Fazia
tempo que não dormia em um colchão
macio, em um quarto sem crostas de
sujeira pela parede. Entrei no banheiro:
que bênção! Por tudo: pela limpeza,
pelo assento alto e confortável do vaso
sanitário, pelos cheiros de sabonete...
Pensei em tomar um banho e, nesta
hora,
tinha
até
esquecido
quão
maravilhoso poderia ser fazer isso. Há
dois meses e meio, o tempo exato em
que fiquei na Índia, não tomei um só
banho quente. Entrei no chuveiro
devagar e respeitosamente como quem

entra em um ritual sagrado. Senti aquela água forte e quente sobre meu corpo e nunca mais esqueci este momento. Foi, sem dúvida, o melhor banho que eu já tomei na vida!

Dormi como uma pedra. Dormi como a Bela Adormecida. Quando acordei, parecia que eu tinha dormido por cem anos. Estava leve, renovada, alegre, mais do que pronta para voltar para Campinas, para minha família, meus pais, meus irmãos, minha vida que tinha sido cinza, mas que agora lembrava um sonho lindo e mais real do que nunca.

Voltei para o aeroporto, onde ficaria mais um dia inteiro. Por volta das 2h, fui a uma farmácia com meu *kit* vacina e pedi que me aplicassem a injeção.

Recebi respostas negativas de pessoas nas farmácias. Ninguém podia me

aplicar vacina alguma. Fui ao posto de emergências médicas e lá, sim, consegui recebê-la.

Fim da tarde, enquanto estava descansando em uma cadeira, olhando com olhos fixos as prateleiras de doces de uma loja e xingando seus fabricantes, fui abordada por um policial. Ele me interrogou e pediu todos os documentos e passagens. Disse que o pessoal do departamento de segurança começou a se preocupar com

a minha presença, depois de me ver
pelas câmeras por dois dias rodando
pelo
aeroporto.

Provavelmente

pensaram

que

eu

era

alguma

esquizofrênica, drogada ou criminosa.

– Meu avião sairá em algumas horas,

fiquem tranquilos. A verdade é que eu

adoro aeroportos e por isso achei

melhor passar um dia aqui dentro do que

na cidade.

Não falei nada sobre não ter dinheiro

sobrando, mas também era verdade meu

interesse por aeroportos. É um lugar

onde

me

sinto

internacional.A

diversidade de idiomas e de raças me encanta. A emoção contida em cada um, uns por estarem partindo, outros por terem deixado alguém partir, outros ainda por estarem chegando. Os abraços demorados, os choros não contidos, os beijos apaixonados. Todas estas cenas se revelam puras e imaculadas para olhos atentos. Meu divertimento era assistir.

Fui liberada pelo policial e, na hora certa, entrei no avião.

Durante a viagem, encontrei, sem querer, uma grande amiga de infância que havia passado um tempo em Londres. Viemos tomando *whisky*, dando risada e pondo a conversa em dia.

Depois de onze horas dentro do avião,
suas rodinhas pousaram em solo
brasileiro.
Chegando
em
casa
exausta,
maltrapilha, vestindo roupas um tanto
sujas da longa viagem, pus minhas malas
no chão, olhei para as escadas e vi meu
irmão descendo. Ele estava impecável
com uma roupa branca. Senti, lá de
baixo, o cheiro do sabão em pó em sua
roupa.

Era de manhã. Os passarinhos
cantavam, o sol brilhava em uma luz
viva e suave. Senti paz, segurança e
muita força para reiniciar minha vida.

Capítulo 24

O SIGNIFICADO

ESPIRITUAL DA CRISE

Aprendi que toda crise tem o objetivo de demolir velhas estruturas de pensamento. Estruturas que não servem mais e que estão desabando. Algo novo precisa surgir, talvez porque a alma precise expandir.

A crise pode parecer ruim, mas pode ser também o início da cura. É ela que nos faz buscar algo melhor. O sentimento de infelicidade é um indicador de que alguns pensamentos precisam ser reajustados a uma nova realidade.

Vida é movimento. Um é intrínseco ao outro. Quando temos medo de mudar e tentamos brechar o movimento interno que busca crescimento, sentimos dor e

frustração, ficamos acuados e apertados dentro de nós mesmos.

Por isso, quanto mais atentos estamos aos movimentos da alma e do coração, quanto mais conhecemos nossa complexidade, mais podemos viver a mudança sem crises. As minhas de hoje, já não amedrontam tanto. Assim com vou entrando, vou saindo, mais forte, mais leve.

Algumas vezes preciso de ajudas externas e não há nada mais produtivo do que fazer esse trabalho com pessoas nas quais confio.

Acredito que muitos dos nossos problemas individuais e sociais, são frutos da falta de contato com o nosso

lado mais maduro, que enfrenta desafios, que possui qualidades e virtudes que devem ser oferecidas ao mundo; e também da falta de contato com o nosso lado pequeno, medroso, que nos impede de crescer.

Se tivermos mais intimidade com esse mundo interior, com certeza iremos nos respeitar mais, nos amar mais, vamos fazer melhores escolhas.

Assim como diz o Pathwork, cada um de nós tem um barco a conduzir. Às vezes, no entanto, estamos longe do comando, com o barco à deriva, sem saber que o capitão somos nós. A escolha de pegar no leme ou não, é totalmente nossa.

"Crescer como ser humano significa libertaros potenciais intrínsecos, que são realmente

infinitos."

Pathwork

Document Outline

- [APRESENTAÇÃO](#)
- [AGRADECIMENTOS](#)
- [PREFÁCIO](#)
- [NA CASA DE ARYAMANI](#)
- [ADAPTAÇÃO](#)
- [POR QUE ÍNDIA?](#)
- [RÉVEILLON](#)
- [SABEDORIA E ENTREGA](#)
- [SAI BABA](#)
- [ONDAS](#)
- [UM MUNDO ESPIRITUAL?](#)
- [ESCOLHAS](#)
- [MAPA ASTRAL](#)
- [ESTÁGIO](#)
- [ALGUMAS VERSÕES DE MIM](#)
- [PRIMEIRO DESASTRE AMOROSO](#)
- [RELACIONAMENTO SÉRIO](#)
- [TOSSE](#)
- [PSICOLOGIA OU MEDICINA?](#)
- [O PATHWORK](#)
- [EU IDEALIZADO](#)
- [NÁUFRAGA](#)
- [JANTAR COM O TAXISTA](#)
- [ABORDAGENS DESAGRADÁVEIS](#)
- [MAIS CHÁ](#)
- [DESPEDIDA ATRIBULADA](#)
- [O SIGNIFICADO ESPIRITUAL DA CRISE](#)